



A vingança de Gaia. Mudanças climáticas e a vulnerabilidade do Planeta

Leia nesta edição

Editorial pág. 2

Tema de capa

Entrevistas

Washington Novaes: O século XX foi o mais quente da história da Terra **pág. 3**

James Lovelock: A vingança de Gaia **pág. 11**

André Trigueiro: “Estamos imersos em um modelo suicida de desenvolvimento” **pág. 13**

Luiz Gylvan Meira Filho: A luta contra o aquecimento global **pág. 19**

Carlos Eduardo Young: Um olhar econômico sobre as mudanças climáticas **pág. 21**

Nícia Barbin: Precisamos da Política e do Direito para regular as questões ambientais **pág. 29**

Brasil em Foco

Entrevistas

Francisco Whitaker: A sociedade civil como novo ator político **pág. 32**

Destaques da semana

Teologia Pública:

Hans Küng: Como prevenir um choque das civilizações? **pág. 37**

Filme da Semana:

Os segredos de Brokeback Mountain **pág. 42**

Deu nos jornais:

pág. 45

Frases da semana:

pág. 47

IHU em revista

Eventos pág. 50

IHU Repórter pág. 66

Editorial

A vingança de Gaia é o título do livro, recém-lançado na Inglaterra, de James Lovelock, autor da importante Teoria Gaia. Apesar de a tese defendida por J. Lovelock no seu último livro ser discutida, inclusive por alguns dos entrevistados nesta edição, o título do livro nos inspirou para o tema de capa deste número da *IHU On-Line*.

As mudanças climáticas, a vulnerabilidade do planeta Terra, enfim, a crise ecológica como manifestação de uma crise civilizacional já foi tema em várias edições desta revista. Tanto que a próxima edição dos **Cadernos IHU em Formação** reúne e publica as entrevistas e os artigos já divulgados nestes cinco anos da nossa revista. A premência dos dados, porém, nos instaram a voltar ao assunto. As entrevistas com Washington Novaes e André Trigueiro, jornalistas, com Luiz Gylvan, professor visitante no Instituto de Estudos Avançados da USP, com Carlos Eduardo Young, economista, professor no Instituto de Economia da UFRJ, com a bióloga e advogada Nícia Beatriz Barbin e um artigo de James Lovelock, contribuem para aprofundar a discussão do significado da crise ecológica contemporânea.

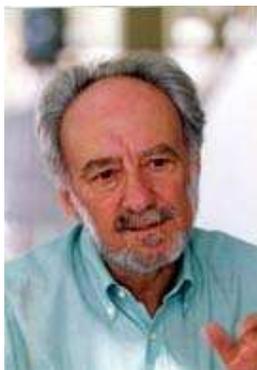
Um artigo de Hans Küng, teólogo, publicado no jornal *International Herald Tribune* e que nos foi encaminhado pela Fundação Ética Mundial, fundada e por ele presidida, analisa o significado da ira islâmica contra as caricaturas ocidentais de Maomé.

Nesta semana, as palestras proferidas nos eventos do Instituto Humanitas Unisinos - IHU - se centrarão em dois autores: Affonso Celso, com o livro *Por que me ufano do meu País*, no **IV Ciclo de Estudos sobre o Brasil** e Caio Fernando de Abreu, escritor gaúcho, no **IHU Idéias**. A exibição e o debate do filme *Jesus Cristo SuperStar*, de Norman Jewison, encerra a semana.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

O século XX foi o mais quente da história da Terra

Entrevista com Washington Novaes



Não podemos mais esperar. A reflexão sobre os dados apresentados nessa entrevista invariavelmente nos leva a esta conclusão. O ano de 2005 foi o mais quente da história do planeta e, se o aquecimento global permanecer, previsões mais duras indicam que o nível do mar pode subir em torno de 11 metros em até 300 anos. Isso implicaria a inundação da maior parte das áreas costeiras do mundo onde vivem mais de 50% da população do planeta. As mudanças com o clima já interferem, e muito, na qualidade de vida e formas alternativas de sustentabilidade precisam surgir.

Washington Novaes é um jornalista especializado nas questões ambientais. Bacharel em Direito e jornalista há mais de 45 anos, já foi repórter, editor, diretor e colunista em várias das principais publicações brasileiras, entre as quais *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*, *Última Hora*, *Correio da Manhã*, *Veja* e *Visão*. Na televisão, foi editor-chefe do Globo Repórter, editor do Jornal Nacional e comentarista do programa Globo Ecologia e de telejornais das redes Bandeirantes e Manchete. Ganhou, entre outros, o Prêmio de Jornalismo Rei de Espanha, o troféu Golfinho de Ouro e o Prêmio Esso Especial de Meio Ambiente. Também foi consultor do primeiro relatório nacional sobre biodiversidade. Participou das discussões para a *Agenda 21* brasileira. Atualmente, é colunista dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *O Popular*, de Goiânia. Entre suas publicações destacam-se *A década do impasse: da Rio-92 à Rio + 10*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. *Xingu: Uma flecha no coração*. São Paulo: Brasiliense, 1985. *A quem pertence à informação?* Petrópolis: Vozes, 1996. Confira a seguir a entrevista concedida por Washington Novaes por telefone à *IHU On-Line*. Novaes concedeu a *entrevista O que está em jogo na Convenção do Clima em Montreal*, à *IHU On-Line*, na edição número 167, de 05 de dezembro de 2005.

***IHU On-Line* - Quais foram as conclusões e decisões a que chegou a Convenção do Clima em Montreal?**

Washington Novaes - Em Montreal¹, as

¹ A 11ª Conferência das Partes da Convenção do Clima reuniu, de 28 de novembro a 9 de dezembro

negociações todas foram muito difíceis porque os Estados Unidos, que são o principal emissor de gases estufa, continuam se recusando a assumir compromissos de redução de metas e até a discutir esse assunto. Então, no âmbito da Convenção, o que se conseguiu foi marcar uma nova reunião que vai acontecer agora este ano para que se retomem conversações, mas sem definir que objetivo elas terão. Pretendia-se dizer que era para discutir quais serão as metas depois de 2012, quando termina a primeira fase do Protocolo de Kyoto², mas isso os EUA não admitiram. Então, é uma convocação vaga, que tem que ser feita até maio porque esse é o prazo final.

IHU On-Line - Qual é a situação atual dos Estados Unidos e Austrália no Protocolo de Kyoto? E qual é o peso de sua adesão a esse acordo?

Washington Novaes – Só os EUA representam quase ¼ das emissões totais de gases que intensificam o efeito estufa. A Austrália também é muito importante

de 2005, em Montreal, no Canadá, representantes de 189 países. O objetivo foi definir o que será feito depois de 2012, quando expira a primeira fase do Protocolo de Kyoto. Também foram tratados os meios para diminuir o impacto dos desastres naturais causados pelas mudanças climáticas e o tema da transferência de tecnologias. Uma entrevista exclusiva com Washington Novaes foi realizada pela *IHU On-Line*, tendo sido veiculada no site do IHU no dia 29-11-05 e publicada na revista *IHU On-Line* na 167ª edição, de 5 de dezembro de 2005. (Nota da *IHU On-Line*)

² O Protocolo de Kyoto constitui-se no protocolo de um tratado internacional com compromissos mais rígidos para a redução da emissão dos gases que provocam o efeito estufa, considerados, de acordo com a maioria das investigações científicas, como causa do aquecimento global. Ele é consequência de uma série de eventos iniciada com a Toronto Conference on the Changing Atmosphere, no Canadá, em outubro de 1988, seguida pelo IPCC's First Assessment Report em Sundsvall, Suécia, em agosto de 1990, e que culminou com a Convenção Marco das Nações Unidas sobre a Mudança Climática (UNFCCC) na ECO-92, no Rio de Janeiro, em junho de 1992. (Nota da *IHU On-Line*)

porque ela é a maior exportadora de carvão mineral do mundo, que é largamente usado, sobretudo para a geração de energia elétrica, fora outras atividades altamente poluentes. Então a adesão dos dois é fundamental para o Protocolo de Kyoto, inclusive porque eles tentam influenciar outros países a adotar outros rumos, a acreditar em tecnologias capazes de reduzir as emissões, e não em compromissos para mudar a matriz energética. Os EUA apostam fortemente no seqüestro de carbono, capturar o carbono que saia das unidades geradoras de energia elétrica e que queimam petróleo ou carvão, capturar esse carbono e enterrá-lo no fundo de campos de petróleo já esgotados ou então no fundo do mar, alternativas que começam a se tornar viáveis do ponto de vista técnico, mas que apresentam problemas, um deles é o que vai acontecer no fundo da terra ou do mar em termos geológicos. Pode haver contaminação de mananciais, de recursos hídricos ou não, se irá contribuir para abalos na terra. Tudo isso está, ainda, muito no começo. Também se questiona o próprio transporte do carbono das unidades geradoras para esses depósitos. Serão, provavelmente, gigantescos dutos que também podem ser muito vulneráveis e se romper no fundo do mar, o que os especialistas em biodiversidade marinha, em águas, têm alertado. Isso pode mudar substancialmente a composição das águas do mar, e isso vai ser um desastre para a biodiversidade marinha. Mas esse é o caminho no qual os EUA estão apostando e acabam de fazer um acordo com a Austrália, com a China, com a Índia e com o Japão para tentar desenvolver essas tecnologias.

IHU On-Line - Ainda quanto ao Protocolo de Kyoto, o que efetivamente poderá ser revertido na

emissão de gases e qual a parcela de contribuição do Brasil nesse cenário?

Washington Novaes – O Protocolo de Kyoto regulamenta a Convenção Climática de 1992³. Essa convenção definiu que os países industrializados deveriam reduzir suas emissões de gases poluentes em 5,2% sobre os níveis de 1990. Como os EUA, a Austrália e países produtores de petróleo não aderiram ao Protocolo, esse total já cai para uns 3%, mais ou menos, e ainda há certos mecanismos que permitem não uma redução direta, mas, por exemplo, a negociação da redução dos países industrializados entre eles. Os países da antiga área socialista, como a Rússia e outros, tiveram forte redução nas suas emissões porque houve um processo de desindustrialização a partir de 1990. Eles podem negociar cotas com outros países, receber uma compensação e pedir desconto do balanço. Essa é uma possibilidade. Existe também o mecanismo de desenvolvimento limpo pelo qual esses países podem financiar em países em desenvolvimento, inclusive no Brasil, projetos que reduzam emissões e descontá-las no seu próprio balanço de emissões. No Brasil, podem-se financiar projetos de reflorestamento, de captação de metano em aterros sanitários. Com isso, são poucos os países industrializados que, de fato, estão reduzindo as suas emissões. Eles ainda estão se valendo desses mecanismos. As emissões globais no mundo continuam crescendo em torno de 1,1% ao ano.

³ A ECO-92, como é popularmente conhecida a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, ou Rio-92, aconteceu em 1992, no Rio de Janeiro, com a presença de representantes de mais de 178 países, sendo a grande maioria chefes de governo. O objetivo era conciliar o desenvolvimento com a conservação dos ecossistemas. (Nota da *IHU On-Line*)

***IHU On-Line* - Quando se fala em transferência de tecnologias, quais são as maiores dificuldades enfrentadas pelos países?**

Washington Novaes – Os chamados países receptores não têm como pagar, porque são países pobres, e os detentores dessas tecnologias não querem cedê-las gratuitamente. Então se cria um impasse em torno disso.

***IHU On-Line* - O que o senhor pensa sobre a afirmação do cientista britânico James Lovelock ao dizer que as mudanças climáticas atingiram um ponto irreversível e que dificilmente nossa civilização sobreviverá?**

Washington Novaes – James Lovelock⁴ foi uma figura muito importante porque formulou a Teoria Gaia⁵ da Terra como um organismo vivo, no qual tudo está inter-relacionado. Entretanto recentemente ele formulou esse pensamento de que as mudanças climáticas já são irreversíveis e que os

⁴ **James Ephraim Lovelock (1919):** cientista e ambientalista inglês, conhecido por ser o autor da Teoria de Gaia. Ele é autor do livro *As eras de Gaia. A biografia da nossa terra viva*. Rio de Janeiro: Campus. 1991. Atualmente vive no centro de uma polêmica por defender que apenas usinas nucleares podem nos livrar de um desastre. Este artigo, intitulado "Gaia precisa da energia nuclear", nós o publicamos na 105ª edição, de 14 de junho de 2004. Recentemente, lançou o livro *The Revenge of Gaia* (A vingança de Gaia). Sobre ele, conferir o artigo publicado na matéria de capa da presente edição. É membro honorário da Association of Environmentalists for Nuclear Energy (para maiores informações, consulte o sítio www.ecolo.org). (Nota da *IHU On-Line*)

⁵ **Teoria Gaia:** Teoria que afirma ser o planeta Terra um ser vivo. Apresentada em 1969 pelo investigador britânico James Lovelock, a Teoria, também conhecida como Hipótese Gaia, diz ser a biosfera terráquea capaz de gerar, manter e regular suas próprias condições de meio ambiente. Para chegar a estas conclusões, o cientista e a bióloga americana Lynn Margulis analisaram pesquisas que comparavam a atmosfera da Terra com a de outros planetas. Estes cientistas propuseram que é a vida da Terra que cria as condições para a sua própria sobrevivência, e não o contrário, como as teorias tradicionais sugerem. O nome Gaia é uma homenagem à titã Gaia, que representava a Terra na mitologia grega. (Nota da *IHU On-Line*)

prejuízos serão brutais. Eu creio que essa certeza seja muito difícil de se ter. O que o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas⁶, que reúne mais de dois mil cientistas do mundo inteiro e que é o órgão científico da convenção, diz é o seguinte: se as emissões continuarem crescendo da forma como elas estão neste século, a temperatura da Terra, que já subiu 0,8°C, pode subir entre 1,4 e 5,8%, dependendo da intensidade dessas emissões. Se isso acontecer, a elevação do nível do mar pode chegar até a 90 cm até o final deste século. Se isso acontecer, significará a inundação de grande parte das áreas costeiras do mundo, onde vivem quase 50% da população mundial. Há outras previsões mais duras, como a do **Tyndall Center**⁷, da Inglaterra, afirmando que até 2300 o nível do mar pode subir até 11 metros. Tudo vai depender de qual vai ser a intensidade das modificações e da elevação da temperatura da Terra. Uma grande parte das pessoas se espanta com tudo o que pode provocar 0,8°C. Convém, contudo, lembrar o que

⁶ Criado em 1988 pela Organização Meteorológica Mundial (WMO) e pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma), o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) existe para melhorar o entendimento científico sobre o tema através da cooperação dos países membros da ONU. O trabalho do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) representa o consenso da comunidade científica internacional sobre a ciência das mudanças climáticas. Ele é reconhecido como a mais confiável fonte de informações acerca das mudanças globais e suas causas. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷ O Tyndall Center for Climate Change (<http://www.tyndall.ac.uk/index.shtml>) atua junto a cientistas, economistas, coordenadores e cientistas sociais, no intuito de desenvolver respostas sustentáveis para as mudanças do clima, com realização de pesquisas e com o diálogo transdisciplinar em nível nacional e internacional, não apenas dentro da comunidade de pesquisa, mas também com empresários, conselheiros políticos, com os meios de comunicação e o público em geral. (Nota da *IHU On-Line*)

acontece no corpo humano quando sobe um grau na temperatura – começa o processo de febre. O século XX foi o mais quente da história da Terra em 1.200 anos. O ano de 2005 foi o ano mais quente da história do nosso planeta.

***IHU On-Line* - Quais seriam as consequências a longo prazo da continuidade do aquecimento global e o que já está acontecendo?**

Washington Novaes - Já está acontecendo: No Rio Grande do Sul, no ano passado, houve uma seca extemporânea muito forte que provocou prejuízos graves na lavoura. Esse ano, novamente, há mais 200 municípios em estado de emergência pela mesma razão. A Organização Meteorológica Mundial falou que aquele fenômeno ocorrido em Santa Catarina, em 2004 foi, realmente um furacão, o primeiro registrado na história brasileira. Os tornados, ciclones, inundações, deslizamentos de terra vêm se intensificando nos últimos anos. Em São Paulo, no mês de janeiro, houve um dia em que, em 10 horas, choveu mais do que a metade do que seria a média habitual do mês, correspondente a 110 mm. Esses fenômenos já estão acontecendo, e o Brasil é relacionado pela Organização Meteorológica como o 2º país em número de acidentes climáticos.

Riscos climáticos no Brasil

Nosso país está numa posição delicada. Ele não é um grande emissor de gases na sua matriz de transporte e industrial. Esses dois setores respondem apenas por ¼ das emissões brasileiras. As emissões brasileiras, que já estão acima de um bilhão e cem milhões de toneladas de dióxido de carbono por ano, são compostas em 75% pelas mudanças no uso do solo, desmatamento e queimadas, sobretudo na Amazônia. Isso nos torna muito vulneráveis diante da opinião

pública mundial. O Brasil é o quarto maior emissor mundial, computando todas as fontes. Além disso, está, com a China e a Índia no grupo que sofre mais pressão para reduzir suas emissões, mas nosso governo defende a tese de que a Convenção do Clima estabelece uma diferença entre países industrializados e outros. A idéia é que os países industrializados têm responsabilidade maior e primeira, porque eles emitem desde o início da civilização industrial. Então são mais responsáveis pela concentração de gases que já estão na atmosfera e que provocam e acentuam o efeito estufa. Os países em desenvolvimento irão superar os países industrializados em emissões. Isso cria uma situação difícil. O avanço da fronteira agropecuária no Brasil é uma razão complicada, porque leva a muito desmatamento. Há um outro fator, que pouco se menciona, que é a emissão de metano pelo gado bovino. O metano é vinte e uma vezes mais nocivo para o efeito estufa do que o dióxido de carbono, e já o estamos emitindo, segundo o inventário que apresentamos em 2004, em Buenos Aires. Só o rebanho bovino brasileiro emite 10 milhões de toneladas de metano por ano por causa do processo de ruminação, que produz muitos gases, entre eles o metano. É outra vulnerabilidade brasileira, porque já temos perto de 200 milhões de cabeças de gado bovino.

***IHU On-Line* - Podemos dizer, então, que as inversões climáticas ultimamente ocorridas têm relação com o problema do aquecimento global?**

Washington Novaes - Sim, eu não tenho dúvida nenhuma disso. Existem os relatórios da Organização Meteorológica Mundial e do Painel Intergovernamental que afirmam isso com toda a clareza. Por exemplo, a intensificação dos furacões,

seja no número ou na força, é produto do aquecimento das águas dos oceanos. O derretimento dos gelos polares, das geleiras das montanhas no mundo. As inundações graves que estão acontecendo na Ásia são exemplo disso. Cada enchente dessas na Ásia desaloja milhões de pessoas. As secas na África são cada vez mais graves. Tudo isso já é, sem dúvida, consequência de mudanças climáticas.

***IHU On-Line* - Em entrevista ao nosso sítio no ano passado, o senhor afirmou que era preciso mudar as matrizes energéticas para energias renováveis e limpas.**

Washington Novaes - No Brasil, a primeira questão na parte da matriz, que não se refere a desmatamento, trata de haver programas de eficiência energética. É possível economizar muito. Nosso desperdício em matéria de energia é enorme. No transporte, continuamos sem regulamentação e sem fiscalização de emissões por veículos. Não se consegue aprovar e colocar na prática esse sistema de controle de emissões, porque há uma disputa entre estados e municípios que envolvem muito dinheiro. O Brasil é um país rico em alternativas, tem energia eólica, principalmente, no Nordeste e no Sul. Entretanto nossa produção é mínima. Nosso país tem energia solar⁸, que pode usar durante o ano todo e tem a possibilidade das energias da biomassa de que agora se começa a falar muito, mas é preciso tomar cuidado para não repetir erros como o do Proálcool⁹. Esse

⁸ Sobre esse tema, confira as entrevistas realizadas pela revista *IHU On-Line* com Bautista Vidal, publicadas na edição número 154, de 8 de agosto de 2005, e na edição número 67, de 7 de julho de 2003. (Nota da *IHU On-Line*)

⁹ **Programa Nacional do Álcool:** Criado no Brasil em 1975, quando o preço do petróleo subiu demais devido a conflitos no oriente médio. A busca por combustíveis alternativos foi grande e em escala mundial. O Brasil teve a idéia de utilizar o álcool nos carros. Colocou essa idéia em prática rapidamente

programa acabou expulsando as culturas de alimentos para longe dos grandes centros consumidores. Isso representou aumento de custo. Em segundo lugar, o Proálcool representou uma concentração da produção em mãos de poucos produtores. Então é preciso que os programas de biomassa se associem a programas de geração de trabalho e renda. Digamos que se plante mamona para gerar o biodiesel. É preciso fazer isso de forma descentralizada, para evitar esses problemas do Proálcool e para agregar valor no local da produção, e não forneça apenas matéria-prima. Que ele tenha pequenas esmagadoras que irão vender ganhando um pouco mais e, se possível, pequenas geradoras. Descentralizar a geração também é bom. Então, é preciso ter esses cuidados e evitar problemas como o que estamos enfrentando com o álcool, que não garante o abastecimento. Isso já aconteceu no final da década de 1980, quando os usineiros deixaram o mercado consumidor de álcool combustível na mão. Preferiram exportar açúcar, que estava mais caro, e o mercado de carros a álcool acabou por causa disso, pois não havia garantias na época. O fato se repete com o agravante de que irá se reduzir, novamente a proporção de álcool misturado na gasolina. Com isso aumentam as emissões de gases poluentes, e isso não está em discussão. Em 2003, se permitiu a exportação de álcool e se reduziu a mistura na gasolina.

IHU On-Line - Em função de estarmos em ano eleitoral, o senhor acha que

com os primeiros modelos de carro a álcool em 1979. O governo incentivou a produção do combustível e subsidiou os carros e o combustível nas bombas dos postos. O carro a álcool chegou a representar 66% da frota brasileira. Durante a década de 1980, com descobertas de novas reservas de petróleo, o preço da gasolina caiu e o álcool perdeu seu patamar. (Nota da *IHU On-Line*)

podemos esperar uma política ecológica mais específica?

Washington Novaes - O que nós temos visto até aqui é que o meio ambiente não é uma questão prioritária e central na administração pública. Ao longo deste governo, e dos anteriores também, foram muitas as questões em que se mostrou isso claramente, como a exportação do álcool, que acabei de falar. Menciono ainda a importação de pneus usados, o avanço da fronteira agropecuária sem regras, desmatamento na Amazônia, transposição do rio São Francisco, o que a ministra Marina Silva chama de transversalidade. Colocar esse assunto em discussão para que todo o governo atenda a isso, não acontece. As questões econômicas se sobrepõem às outras questões. É o que continua acontecendo e não vejo sinais de que isso vá mudar.

IHU On-Line - Em relação à transposição do Rio São Francisco, como o senhor percebe a condução que o governo Lula deu a essa questão?

Washington Novaes - Eu acho lamentável a posição do governo federal, porque nós temos uma lei, a Lei da Política Nacional de Recursos Hídricos, segundo a qual a gestão em cada bacia cabe ao comitê da própria bacia. O comitê da Bacia do São Francisco votou, com toda clareza, a necessidade de revitalizar o rio antes de pensar em transposição e isso não está sendo feito. O governo federal levou essa questão para o Conselho Nacional de Recursos Hídricos, onde ele sozinho tem maioria absoluta e votou a transposição lá, o que é muito ruim, porque contraria a legislação federal, o princípio federativo, desestimula os comitês de bacia. Isso, digamos assim, quanto ao aspecto formal. Quanto à questão essencial, são muitos estudos de muitos especialistas que mostram que o problema do semi-árido é

de gestão, e não de volume de água. É preciso ter uma gestão competente, tanto no Ceará quanto no Rio Grande do Norte, que seriam os maiores beneficiados pela transposição. Existe volume de água suficiente, mas essa água está em açudes que foram construídos com dinheiro público, fechados em propriedades privadas, com altíssimo nível de evaporação. Além disso, se pretende transpor água para beneficiar grandes projetos de irrigação de frutas e camarões. A produção de camarões é muito problemática pelo ângulo ambiental. Os outros também vão nos colocar naquela velha posição de que somos fornecedores de produtos primários para o Primeiro Mundo, que paga o que quer e vive nos colocando em situações difíceis, como nos casos recentes da carne e da soja. É o velho modelo que se repete. Além disso, a transposição vai gerar um altíssimo custo da água. Ela vai custar cinco vezes mais do que hoje onde tem. E quem paga por isso? Agricultura irrigada, produção de camarões? Não. Será subsidiado e o custo será jogado para a sociedade inteira pagar, sem ser beneficiária dos projetos. A outra questão é que se fala que será levada uma cuia de água para as populações carentes. Ninguém vai levar cuia de água para aquelas populações isoladas que são as vítimas da seca. Ninguém vai fazer um aqueduto para beneficiar 20 pessoas. É demagogia. Está provado que nesses lugares o que funciona é a construção de cisternas de placa para que as populações possam armazenar água durante as chuvas e usar na estiagem. É o que está sendo feito pelos projetos Fome Zero e Cáritas. Acho tudo muito lamentável.

IHU On-Line - O modelo capitalista que vivemos hoje é incompatível com o desenvolvimento sustentável?

Washington Novaes - Tanto o capitalismo quanto o socialismo não mostraram ainda sua capacidade de fazer as transformações necessárias. O que nós temos hoje é o secretário-geral das Nações Unidas, Koffi Anan, dizendo que o problema central da humanidade não está no terrorismo, mas nas mudanças climáticas e na insustentabilidade dos padrões de produção e consumo, além da capacidade de reposição da biosfera. Nós já ultrapassamos isso em mais de 20% e continuamos aumentando o déficit. Estamos na condição de uma família que gasta além do seu orçamento, rumo à falência. Infelizmente não temos regras nem instituições capazes de fazer isso num plano universal. É preciso fazer no mundo todo. Estamos numa crise civilizatória de padrão. Nossos modos de viver já não servem mais ao planeta. Vivemos durante milênios sem pensar que poderia haver limites, de que a Terra e seus recursos são limitados. Agora está claro isso e é preciso mudar, mas não há regras. Precisamos mudar os nossos formatos de produzir, consumir e nossas matrizes energéticas, o que também depende muito do Primeiro Mundo. Relatórios da ONU mostram isto. Hoje 80% da produção e do consumo no mundo vêm dos países industrializados, que têm menos de 20% da população. Eles têm, também, 80% da renda, e é preciso mudar isso, porque temos mais de 800 milhões de pessoas passando fome, quase metade da humanidade, abaixo da linha da pobreza. Os relatórios do PNUD dizem que as três pessoas mais ricas do mundo, juntas, têm ativos superiores ao Produto Anual Bruto dos 48 países mais pobres, onde vivem mais de 600 milhões de pessoas.

IHU On-Line - Que exemplos destacaria de iniciativas para combater a poluição e proteger o meio ambiente no Brasil e no mundo?

Washington Novaes - Fala-se no assunto da energia nuclear. Ela é insustentável porque precisa de subsídios, é uma energia cara, é perigosa e gera resíduos tóxicos. Penso na energia eólica. A Suécia tomou a decisão de que, em 15 anos, irá abolir o uso do petróleo. Ela tentará usar apenas formas renováveis e não-poluentes de energia. Há uma grande aposta no hidrogênio¹⁰ como combustível que não geraria dióxido de carbono, mas é uma discussão em aberto, pois há quem pense que, para separar o hidrogênio, irá gastar mais energia do que produz. Mas precisamos mudar as matrizes energéticas, os padrões de produção, o consumo. Há pouco tempo, saiu um estudo mostrando que hoje, no mundo, se descartam um milhão de sacos plásticos por minuto! Isso é uma alta fonte de poluição e degradação porque esse plástico leva muito tempo para se degradar. No fundo do Oceano Pacífico, está se formando uma área gigantesca de plástico. Isso ajuda a poluir e assorear os rios e assim por diante. Qual é a necessidade que as pessoas têm de colocar cada produto comprado num supermercado dentro de uma sacola plástica? Nenhuma. Podemos levar uma sacola de casa e colocar tudo dentro. Há países que já proíbem os supermercados de empregarem sacos plásticos. Há outros onde as pessoas devolvem as embalagens dos produtos que compram, como no caso das embalagens de televisores, que possuem isopor, plástico, cintas metálicas etc. Devemos consumir menos, produzir menos lixo, reciclar.

¹⁰ Sobre esse tema, confira as *Notícias do dia*, do site do IHU (www.unisinos.br/ihu) de 29-11-2005. (Nota da *IHU On-Line*)

A vingança de Gaia

Por James Lovelock



James Lovelock é um dos mais renomados cientistas ambientais do mundo e membro da Royal Society, do Reino Unido. Em 1979, lançou a hipótese Gaia, de que o planeta se comporta como um organismo vivo. A hipótese encontra-se no livro *Gaia. Um novo olhar sobre a vida na Terra*. Lisboa: Edições 70, 1989. O título original do livro é *The ages of Gaia. A biography of our Living Earth*. New York: WW Norton & Company, 1988.

Seu novo livro, *A Vingança de Gaia*, saiu recentemente no Reino Unido.

O artigo que segue foi veiculado no jornal *Folha de S. Paulo*, de 22-1-06, e originalmente publicado pelo jornal *The Independent*, de 16-1-06. Os subtítulos são nossos.

Este artigo é o mais difícil que eu já escrevi. Minha Teoria Gaia diz que a Terra se comporta como se estivesse viva, e qualquer coisa viva pode gozar de boa saúde ou adoecer. Gaia me tornou um médico planetário, e eu levo minha profissão a sério. Agora também devo trazer as más notícias.

A Terra está com febre

Os centros de climatologia espalhados pelo mundo, que são os equivalentes aos laboratórios de patologia dos hospitais, têm relatado as condições físicas da Terra, e os climatologistas acham que ela está gravemente doente, prestes a passar a um estado de febre mórbida que pode durar até 100 mil anos. E eu preciso dizer a vocês, como familiares da Terra e parte integrante dela, que vocês e a civilização em especial estão em grave perigo.

Somos responsáveis por essa febre

Nosso planeta tem se mantido saudável e apto à vida, assim como um animal, por mais de 3 bilhões de anos de sua

existência. Foi má sorte que nós tivéssemos começado a poluí-lo numa época em que o Sol está quente demais. Nós causamos febre à Gaia e logo seu estado irá piorar para algo parecido com um coma. Ela já esteve assim antes e se recuperou, mas levou mais de 100 mil anos. Nós somos os responsáveis e vamos sofrer as conseqüências: no decorrer deste século, a temperatura subirá 8°C nas regiões temperadas e 5°C nos trópicos.

Conseqüências do aquecimento global

Boa parte das terras tropicais se tornará caatinga e deserto, e não servirá mais para regulação do clima; isso se soma aos 40% da superfície terrestre que nós já devastamos para produzir nosso alimento.

Curiosamente, a poluição por aerossóis no Hemisfério Norte reduz o aquecimento global ao refletir a radiação solar de volta ao espaço. Esse “apagamento global” é transitório e pode

desaparecer em poucos dias junto com a fumaça que o carrega, deixando-nos expostos ao calor da estufa global. Estamos num clima de loucos, resfriado acidentalmente pela fumaça, e, antes do fim deste século, bilhões de nós morreremos e os poucos casais férteis que sobreviverão estarão no Ártico, onde o clima continuará tolerável.

Tarefa impossível: ser os guardiões da Terra

Ao não perceber que a Terra regula seu clima e sua composição, nós cometemos a trapalhada de tentar fazê-lo nós mesmos, agindo como se estivéssemos no comando. Ao fazer isso, condenamos a nós mesmos ao pior estado de escravidão. Se escolhermos ser os guardiões da Terra, somos os responsáveis por manter a atmosfera, os oceanos e a superfície terrestre aptos para a vida. Uma tarefa que logo acharíamos impossível - e algo que, antes de termos tratado Gaia tão mal, ela fazia para nós.

Para entender o quão impossível é a tarefa, pense sobre como você regularia a sua temperatura e a composição do seu próprio sangue. Quem tem problemas renais conhece a dificuldade diária inesgotável de ajustar sua ingestão de água, sal e proteínas. A muleta tecnológica da diálise ajuda, mas não é substituto para rins saudáveis.

A vida e o ambiente estão estreitamente implicados

Meu novo livro, *A Vingança de Gaia*, expande essas idéias, mas você ainda pode perguntar por que a ciência demorou tanto para reconhecer a verdadeira natureza da Terra. Eu acho que é porque a visão de Darwin foi tão boa e tão clara que demorou até agora para que ela fosse digerida. No tempo dele, pouco se sabia sobre a química da atmosfera e dos oceanos, e teria havido pouca razão para que ele imaginasse que

os organismos modificavam seu ambiente além de se adaptarem a ele. Se fosse sabido à época que a vida e o ambiente estão tão conjugados, Darwin teria visto que a evolução não envolve apenas os organismos, mas toda a superfície do planeta.

Nós, então, poderíamos ter enxergado a Terra como um sistema vivo. Teríamos sabido que não podemos poluir o ar ou usar a pele da Terra - seus oceanos e sistemas florestais - como uma mera fonte de produtos para nos alimentar e mobiliar nossas casas. Teríamos sentido instintivamente que esses ecossistemas devem ser deixados intocados porque eles são parte da Terra viva.

Hora de agir, não de protelar decisões

Então, o que fazer? Primeiro, precisamos ter em mente a velocidade espantosa da mudança e nos dar conta do quão pouco tempo resta para agir. Então, cada comunidade e nação precisará usar da melhor forma os recursos que tem para sustentar a civilização o máximo que puderem. A civilização usa energia intensamente, e não podemos desligá-la de forma abrupta. É preciso ter a segurança de um pouso motorizado.

Aqui, nas ilhas britânicas, nós estamos acostumados a pensar em toda a humanidade e não apenas em nós. A mudança ambiental é global, mas precisamos lidar com as conseqüências dela aqui. Infelizmente nossa nação é tão urbanizada que se parece mais com uma grande cidade, e temos apenas uma área pequena de agricultura e florestas. Dependemos do mundo do comércio para o nosso sustento; e a mudança climática nos negará suprimentos constantes de comida e combustível do exterior.

O pior está por acontecer

Nós poderíamos produzir comida o bastante para nos alimentar na dieta da 2ª Guerra, mas a noção de que há terras sobrando para plantar biocombustíveis ou para abrigar usinas eólicas é ridícula. Nós faremos o possível para sobreviver, mas infelizmente eu não consigo ver os EUA ou as economias emergentes da China e da Índia voltando no tempo - e eles são as maiores fontes de emissões. O pior vai acontecer, e os sobreviventes terão de se adaptar a um clima infernal. Talvez o mais triste seja que Gaia perderá tanto quanto ou mais do que nós. Não só a vida selvagem e ecossistemas inteiros serão extintos, mas na civilização humana o planeta tem um recurso precioso. Não somos meramente uma doença; somos, por meio da nossa inteligência e

comunicação, o sistema nervoso do planeta. Através de nós, Gaia se viu do espaço, e começa a descobrir seu lugar no Universo.

Devemos nos dar conta de que somos parte da Terra

Nós deveríamos ser o coração e a mente da Terra, não sua moléstia. Então, sejamos corajosos e paremos de pensar somente nos direitos e necessidades da humanidade, e enxerguemos que nós ferimos a Terra e precisamos fazer as pazes com Gaia. Precisamos fazer isso enquanto somos fortes o bastante para negociar, e não uma turba esfacelada liderada por senhores da guerra brutais. Acima de tudo, precisamos lembrar que somos parte dela, e que ela é de fato nosso lar.

“Estamos imersos em um modelo suicida de desenvolvimento”

Entrevista com André Trigueiro



Se delegarmos aos governos a missão de proteger o meio ambiente, estaremos automaticamente assinando nossa sentença de morte. Nenhum governo poderá reverter sozinho o atual cenário de destruição e degradação ambiental. Todos somos responsáveis. A constatação é do jornalista André Trigueiro em entrevista por telefone à *IHU On-Line*.

Uma das alternativas para iniciar uma mudança é pela conscientização nas escolas.

André Trigueiro é jornalista com Pós-graduação em Gestão Ambiental pela COPPE/UFRJ, professor e criador do curso de Jornalismo Ambiental da PUC/RJ, coordenador editorial e organizador e um dos autores do livro *Meio Ambiente no século 21*. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2003, bem como da obra *Mundo sustentável. Abrindo espaço na mídia para um planeta em transformação*. São Paulo: Globo, 2005. Foi repórter do jornal *Última Hora*, *Rádio MEC/AM*, *Rádio*

Jornal do Brasil/AM, TV Globo e, desde 1996, atua como repórter e apresentador do *Jornal das Dez da Globo News*, canal de TV a cabo onde também produziu, roteirizou e apresentou programas especiais ligados à temática socioambiental. Pela série *Água: o desafio do século 21* (2003), recebeu o Prêmio Imprensa Embratel de Televisão e o Prêmio Ethos - Responsabilidade Social, na categoria Televisão. É comentarista da Rádio CBN (860 Kwz) onde apresenta o quadro *Mundo Sustentável*, que vai ao ar aos sábados e domingos, sempre às 13h50min. É consultor e articulista voluntário do site www.ecopop.com.br, do Viva Rio.

***IHU On-Line* - Num artigo publicado no jornal britânico *The Independent*, o cientista James Lovelock, disse que as mudanças climáticas já atingiram um ponto irreversível e que nossa civilização dificilmente sobreviverá. Qual é a sua opinião a esse respeito?**

André Trigueiro - A opinião do Dr James Lovelock merece consideração. É uma pessoa renomada no meio científico, autor da Teoria Gaia. Portanto, no mínimo, merece atenção. Entretanto, eu tenho conhecimento desse artigo e pude repercutir as idéias do professor Lovelock com outros especialistas em mudanças climáticas e devo confessar que não encontrei respaldo. Existem inúmeras variáveis no comportamento do clima que sugerem cautela em qualquer previsão otimista ou pessimista. Na verdade, existe um cenário notoriamente grave que demanda cuidados, prognósticos que são feitos com base em suposições. O Painel Intergovernamental de Mudança Climática da ONU, por exemplo, ao construir cenários sobre o clima leva em consideração diversas hipóteses distintas: crescimento da economia, uso de combustíveis fósseis na matriz energética, comportamento em relação a consumo. Tudo isso determina maior ou menor emissão de gases estufa e a reação do planeta a esse estoque acumulado de carbono na atmosfera ocorre, é mensurável e preocupa, mas é muito difícil, impreciso e complicado ser taxativo em relação ao que vai acontecer

em quanto tempo e de que forma. Então, existem, na verdade, hipóteses, mais ou menos consolidadas em bases científicas. O professor Lovelock, como eu já disse, é um nome muito respeitado e o que ele disse a respeito do futuro próximo merece atenção, mas cautela também.

***IHU On-Line* - A Nasa, que assinalou que 2005 foi o ano mais quente registrado na Terra desde 1890. Isso tornará a agricultura inviável nos próximos anos, além de aumentar o nível do mar e produzir milhares de refugiados. Quais seriam as medidas de precaução e correção desse cenário?**

André Trigueiro - Em primeiro lugar, existe uma constatação de que, nos próximos cem anos, aproximadamente, não importam os esforços que sejam feitos agora, nós colheremos o que semeamos nos últimos 200, 250 anos em relação à queima progressiva de carvão, petróleo e gás. Esse estoque de carbono acumulado na atmosfera e que não é metabolizado pelo planeta por meio dos oceanos e das florestas, principalmente, esse excedente já deverá determinar de forma inexorável efeitos sobre o planeta e, em conseqüência, sobre a humanidade. O que se fizer hoje, nós deveremos deixar um legado para as gerações futuras nas mudanças efetivas do comportamento do clima.

Respondendo objetivamente à sua pergunta, o primeiro dever de casa é

cumprir à risca o Protocolo de Kyoto, que é muito tímido em relação às metas necessárias de redução de gases-estufa.

Dependência homem-combustível

O Tratado de Kyoto traz a demanda dos países ricos, ou industrializados, de reduzir suas emissões de gases-estufa numa média de 5,2% até o ano de 2012. Os cientistas que estudam mudanças climáticas nos informam que o mínimo necessário para, de fato, enfrentar esse problema como se deve seria uma redução média de 60%. Entretanto, isso seria uma trava no processo de desenvolvimento, um baque muito violento sobre as economias. Então nesse momento não seria possível, tal a dependência do homem em relação a combustíveis fósseis. Esse é apenas o primeiro passo, mas existe o risco de nem podermos dar o primeiro passo. O segundo é que haja investimentos consistentes e progressivos na direção de fontes limpas ou menos poluentes de energia. Então é fazer o dever de casa em relação ao uso de biomassa, energia eólica, solar, células de hidrogênio, transporte coletivo em detrimento do individual. Essa é uma demanda urgente do planeta e já está sendo feito em alguma escala.

Outra questão importante é reduzir os atuais níveis de consumo, porque o consumismo determina uma demanda de matéria-prima e energia e isso porque hoje temos na matriz energética uma presença forte de petróleo, gás e carvão. Quanto mais se consome o que não se necessita, mais se emite gás-estufa. Portanto, consumir o necessário não é apenas uma postura ética, de comportamento, de questões filosóficas. Consumir o necessário significa emitir o mínimo possível de gás-estufa na atmosfera. Essas questões me parecem as mais urgentes e pertinentes: cumprir o tratado de Kyoto, ser mais proativo e

determinado nos investimentos de energia renovável, fontes mais limpas de energia, e reduzir a níveis racionais o consumo. O que se vê hoje no consumo é uma farra, irracionalidade no uso dos recursos, sobretudo no Hemisfério Norte. Isso não pode continuar desse jeito.

IHU On-Line - Ou seja, somente o Protocolo de Kyoto não é a solução, mas parte dela?

André Trigueiro - Sim, e quem assinou o Protocolo e o ratificou sabia disso. O Tratado de Kyoto é literalmente o primeiro período de compromisso. Kyoto não é o ponto final, mas sim reticências. Ele abre um processo de negociação que irá durar muito tempo e deverá ser dividido em períodos subsequentes de compromisso onde as metas de redução deverão ser agressivas. O complicador de Kyoto é que dois países ricos, que são EUA e Austrália, e que respondem por 1/3 das emissões globais de gases-estufa, estão fora.

IHU On-Line - E como fica o comprometimento dos países em relação a esse Tratado?

André Trigueiro - Hoje essa situação não é boa pela presença econômica dos EUA no mundo e pela força que esse país poderia estar dirigindo na direção correta. Qual é a direção correta? É a que eu mencionei há pouco: investir recursos em novas tecnologias que reduzam as emissões de gases-estufa. Entretanto, vamos lembrar o último discurso do presidente Bush, quando afirmou que os americanos são viciados em petróleo. Registra-se aí uma mudança sem precedentes no discurso do presidente texano, que se elegeu e chegou ao poder apoiado fortemente pela indústria do petróleo. Hoje, nos EUA, há uma corrente muito forte na opinião pública contra essa postura do presidente americano, tanto é que nove estados governados por

democratas e republicanos e mais de 200 municípios norte-americanos ratificaram o Protocolo de Kyoto, num claro desafio à posição do presidente Bush, não envolvendo este Tratado estados ou municípios. Portanto, foi uma adesão simbólica e preocupante do ponto de vista político do atual presidente dos EUA. Tudo leva a crer que o próximo presidente dos EUA, seja democrata, seja republicano, deverá, se não ratificar o Tratado de Kyoto, adotar um projeto, plano próprio e agressivo de redução de gases-estufa. Eu acredito nisso.

IHU On-Line - Em seu ponto de vista, além do Protocolo de Kyoto, quais são as iniciativas nacionais e internacionais que merecem destaque no combate à poluição?

André Trigueiro - Sinceramente, não vejo da parte do Brasil, fora o Proálcool e agora o novo programa do biodiesel, como modelo. Se tomarmos como base a dificuldade que temos de enfrentar o problema das queimadas da Amazônia (e um recente estudo revelou isso, que as queimadas e a destruição das florestas no Brasil respondem por quase 70% das emissões do nosso país de gases-estufa). Então, “estamos mal no filme”. Outro problema é que não temos no Brasil, como existe, por exemplo, na Califórnia, um programa de metas que obrigue as montadoras de veículos a reduzir progressivamente a emissão de gases-estufa pelos motores.

A indústria automobilística

O que vemos aqui são as montadoras de veículos registrarem lucros recordes, como em 2005. Não importa o que aconteça em 2006 na política ou na economia global (e isso o presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores, a Anfavia, disse com todas as letras), nós vamos fechar no azul. Eles estão vendendo automóvel

como nunca. E essa é uma indústria que se locupletou no passado com pedidos de redução de Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), sob a alegação de que o setor não estava vendendo e haveria demissões, etc. Esse setor, muito bem sucedido no Brasil, sobretudo hoje, deveria ser enquadrado, regulado pelo Estado, determinando metas progressivas de otimização tecnológica. Ou seja, como na Califórnia, estabelecer no longo prazo metas progressivas de eficiência energética. Com a mesma quantidade de combustível, rodar mais quilômetros e emitir menos gases-estufa. O que existe no Brasil é um programa de metas apenas de redução de poluentes, mas há uma confusão em relação a poluentes e gases-estufa. Nem todo o gás-estufa é poluente, e o principal, que é o CO₂, o dióxido de carbono, não é poluente. O CO, monóxido de carbono, é. Podemos morrer respirando fumaça de automóvel. Para o CO₂ de veículo não existe meta de redução. Precisamos fazer ajustes internos para sermos considerados, de fato, um país modelo ou que faz o que está a seu alcance para não agravar o aquecimento global.

IHU On-Line - Em relação ao desmatamento da Floresta Amazônica, quais são as conseqüências para nosso país e para o planeta?

André Trigueiro - A Amazônia, em primeiro lugar, não é, como se diz, o pulmão do planeta - é o ar-condicionado. Existe uma função estratégica desse bioma sobre a umidade e a temperatura média do planeta. Outra questão importante que diz respeito à Amazônia é a produção de nuvens - o fenômeno da evapotranspiração. As árvores suam vapor d'água e esse vapor, na Amazônia, é transportado pelos ventos para diferentes regiões no Brasil, no continente sul-americano e no mundo e há um ciclo

natural de produção de chuvas com a existência da floresta, que está sendo gradativamente prejudicado. Uma outra questão importante: ela é um grande sumidouro de carbono. As árvores crescem sugando da atmosfera o carbono. Se queimarmos ou derrubarmos uma árvore, esse carbono é devolvido à atmosfera, agravando o aquecimento global.

Onde há floresta há água

Outro problema é que as árvores funcionam como repositórios de água no lençol freático contribuindo para a recarga dos aquíferos. Onde há floresta a recarga dos aquíferos ocorre de uma forma consistente, onde não há floresta essa recarga é reduzida e, muitas vezes, comprometida. Então, o local de onde se retira área verde, fica comprometido, em certa escala. A recarga dos aquíferos varia de lugar para lugar. Além disso, a Amazônia não é só floresta, e é bom deixar claro isso – ela tem savanas, áreas nas quais seria pertinente, por exemplo, criar gado ou levar à frente um projeto de cultura de grãos.

É importante observar que a expansão da fronteira agrícola sobre a região amazônica se deu de forma caótica, predatória e absolutamente não-sustentável. Isso produziu um passivo e deixou marcas difíceis de serem apagadas. Há uma capilaridade da destruição que, principalmente por satélites é possível mapear, e temos, portanto, um desafio de construir um projeto de desenvolvimento sustentável para uma região que contém uma riqueza inestimável, ainda não conhecida e mensurada, de biodiversidade na era da biotecnologia e precisamos acelerar o passo senão perdemos o bonde da história.

IHU On-Line - No Brasil, já presenciamos mudanças climáticas

bastante drásticas, como a inversão das estações nas cinco regiões do País. Podemos creditar isso diretamente à poluição? Quais são os principais impactos socioeconômicos desse fenômeno?

André Trigueiro - Um dos efeitos colaterais desse acúmulo de carbono na atmosfera é a dificuldade de precisar o marco que separa uma estação da outra. As quatro estações do ano não estariam mais devidamente demarcadas como num passado não muito distante. Eu diria, por exemplo, como falo aos meus alunos da PUC-Rio, para colocar uma pitada de humor na história, que se Tom Jobim tivesse que compor hoje a música *Águas de março*, provavelmente ele mudaria o título, a inspiração seria outra, porque quando ele compôs essa canção, era líquido e certo que choveria, e muito, em março, quando encerra o verão. Entretanto, essa regularidade e essa previsibilidade já não ocorrem e atribui-se às mudanças climáticas esse fenômeno. Existem outros problemas decorrentes da mudança climática.

Os furacões podem se agravar

Há o incremento do poder de destruição e o menor intervalo de tempo entre os cataclismas, o que foi possível verificar no ano passado por ocasião da temporada recorde de furacões nos EUA, uma previsão que se cumpriu e que, infelizmente, deve se agravar em função dessa desorganização do clima. Existem inúmeras variáveis. Quem estuda o aquecimento global que provoca as mudanças climáticas, trabalha com variáveis, como umidade relativa do ar, ventos, marés, degelo, a presença ou não de áreas verdes e a interação destas com a atmosfera. Tudo isso entra no modelo matemático que se usa e está se aperfeiçoando para aumentar a precisão do que se projeta para o futuro. É muito

complexo e difícil o estudo das mudanças climáticas.

IHU On-Line - Qual é a proposta de desenvolvimento sustentável que o senhor apresenta em seu livro *Mundo sustentável?*

André Trigueiro - Na verdade, nós temos dois livros. Um deles foi lançado em 2003 e está em sua 4ª edição, chama-se *Meio ambiente no século XXI*. São 21 autores distintos, entre eles estou eu, coordenador deste trabalho. Procuramos mostrar como a questão ambiental está em todas as áreas do saber e do conhecimento, indistintamente, portanto, cada um dos autores representa uma área do saber e explica qual é a relação entre sua área e a questão ambiental. O outro livro que lançamos mais recentemente se chama *Mundo sustentável. Abrindo espaço na mídia para um planeta em transformação*. Devo confessar-lhe que minha preocupação não é falar sobre desenvolvimento sustentável primeiramente, mas sim de sustentabilidade, porque o cidadão comum está mais preocupado com a qualidade de vida do que gerar lucros.

Para entender a sustentabilidade

Desenvolvimento sustentável é uma questão importante, porém, para mim pessoalmente, mais importante ainda é entender o que queremos dizer quando falamos em sustentabilidade, que é sinônimo de sobrevivência e de uma relação mais inteligente e consciente da humanidade com o planeta, entendendo como funcionam as leis que regem a natureza e procurando promover o desenvolvimento com o viés do lucro de uma forma sustentável, que não promova a exaustão desses recursos fundamentais da vida e que, eventualmente, repense a relação custo - benefício.

Respondendo objetivamente sua pergunta quanto ao desenvolvimento sustentável,

acho que ele desafia o capitalismo em sua premissa básica, porque hoje é muito comum vermos entre os empreendedores a lógica do desenvolvimento se resumir à seguinte premissa: o bom negócio é aquele que gera o maior lucro possível no menor intervalo de tempo. Esse mantra do capitalismo, quando só nos preocupamos com essas duas questões, o resultado, do ponto de vista da sustentabilidade, é um desastre, porque o tempo do homem, e principalmente o tempo do negócio, não casam, não são sincrônicos com o tempo da natureza. Para acelerarmos a produtividade, o ganho de capital, o lucro, recorremos a expedientes não-sincrônicos com as leis da natureza e aceleramos a degradação. Essa é a minha opinião e é o cuidado que a expressão desenvolvimento sustentável sugere. De nada vale termos o melhor retorno do capital investido no menor tempo possível, se nos preocuparmos com a sustentabilidade do nosso negócio. Poderemos enriquecer no curto prazo e nos arruinar e promover um desastre coletivo, agravar o cenário de destruição de grande escala no médio e no longo prazo. Não vale a pena.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto?

André Trigueiro - Apenas dizer que 100% dos direitos autorais do livro *Mundo sustentável - abrindo espaço na mídia para um mundo em transformação*¹¹, ou seja, a integralidade da parte que cabe ao autor pela venda do livro, é totalmente destinada à organização voluntária Centro de Valorização da Vida (CVV)¹², que realiza um trabalho gratuito, 24 horas por dia, de apoio emocional e prevenção ao suicídio.

¹¹ Confira mais detalhes sobre o livro no site www.mundosustentavel.com.br. (Nota da *IHU On-Line*)

¹² Maiores informações sobre o CVV podem ser consultadas no site www.cvv.com.br. (Nota da *IHU On-Line*)

A luta contra o aquecimento global

Entrevista com Luiz Gylvan Meira Filho



“Há necessidade de que todos os países do mundo se engajem num esforço global para evitar que a mudança de clima atinja níveis perigosos para todos”. A opinião é do engenheiro Luiz Gylvan Meira Filho em entrevista por telefone à *IHU On-Line*. Outra de suas conclusões é que “já existem no mundo, hoje, tecnologias disponíveis, mas não aplicadas em grande escala. Em conjunto, se forem introduzidas em todos os países, essas tecnologias não evitarão completamente a mudança de clima, mas permitirão que elas sejam limitadas de alguma forma”. Luiz Gylvan

é professor visitante no Instituto de Estudos Avançados na Universidade de São Paulo (USP). Graduado em Engenharia pelo ITA, é Ph.D. em Astrofísica pela Universidade do Colorado, nos Estados Unidos. Confira a íntegra da entrevista a seguir.

***IHU On-Line* - Quais foram as conclusões a que chegou o II Fórum Globo News Mudanças Climáticas?**

Luiz Gylvan Meira Filho – Há algumas semanas o jornalista André Trigueiro organizou no Rio de Janeiro o *Fórum Globo News* sobre Mudanças Climáticas, com a presença de vários colegas, inclusive do secretário de meio ambiente do Estado de São Paulo, José Goldemberg, que vem trabalhando no assunto há anos, para fazermos um debate sobre a mudança global do clima. A conclusão é muito clara. Os efeitos prejudiciais da mudança do clima já começaram, e há necessidade de que todos os países do mundo se engajem num esforço global para evitar que a mudança de clima atinja níveis perigosos

para todos. A outra conclusão é de que já existem no mundo, hoje, tecnologias disponíveis, mas não aplicadas em grande escala. Em conjunto, se forem introduzidas em todos os países, essas tecnologias não evitarão completamente a mudança de clima, mas permitirão que elas sejam limitadas de alguma forma.

***IHU On-Line* - Qual tem sido o nosso erro? Como chegamos a esse aquecimento global**

Luiz Gylvan Meira Filho – A Revolução Industrial, a geração de energia pela queima de combustíveis fósseis, que contribuiu muito para melhorar a vida de toda a população, produziu um efeito lateral, não previsto na época. Esse efeito é o aumento na quantidade de gás

carbônico na atmosfera, mais metano e óxido nítrico que, recentemente, concluiu-se de forma definitiva, formam um subproduto indesejado e não previsto, que estão mudando o clima. É necessário hoje, como diz o assessor científico do primeiro ministro Tony Blair, Sir David King¹³, uma nova revolução industrial, ou seja, a introdução de novas tecnologias para que possamos continuar usufruindo dos benefícios da revolução industrial, mas agora sem a emissão de gases de efeito estufa.

IHU On-Line - Como a indústria automobilística e de combustíveis podem se adequar para produzir veículos e produtos menos poluentes?

Luiz Gylvan Meira Filho - A indústria automobilística já sabe fazer isso numa certa medida. Aqui no Brasil, a utilização de combustíveis renováveis, em particular o etanol como substituto da gasolina, já é uma grande contribuição. A indústria automobilística já tem tecnologia para produzir veículos que, com menor nível de emissão, mas eficientes, carregam número maior de passageiros/quilômetro por litro de combustível. É preciso conscientização dos compradores de carro para dar preferência a esses veículos que sejam, por um lado, mais eficientes, e por outro, que utilizem cada vez mais combustíveis renováveis.

Vale lembrar que não é só o combustível usado nos transportes que é problemático. É também a queima de combustíveis fósseis na geração de

¹³ **David King:** Assessor científico do primeiro-ministro britânico Tony Blair, atua como diretor do Gabinete de Ciência e Tecnologia do Reino Unido. Esteve no Brasil em 27 de junho de 2005 visitando o Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA), onde reuniu-se com um grupo de cientistas. O tema do encontro focou as mudanças climáticas globais, prioridade do Reino Unido nesse período em que exerce a presidência do G8. (Nota da *IHU On-Line*).

energia elétrica. Em ordem de importância do problema, o principal é o carvão mineral, depois o petróleo, e por último o gás natural. Os três são combustíveis de origem fóssil, ou seja, são retirados do subsolo. A forma básica como se gera energia com esses combustíveis é pela combinação do seu carbono com o oxigênio do ar, numa reação química que forma gás carbônico, o CO₂. Não se trata de um poluente que possa ser eliminado com filtros, pois faz parte da essência do processo de geração de energia com combustíveis fósseis a liberação do dióxido de carbono. A quantidade pode ser diminuída se a geração de energia for mais eficiente.

IHU On-Line - Qual é a contribuição do metano para o aquecimento global e como contornar essa situação sem prejudicar a criação de rebanhos?

Luiz Gylvan Meira Filho - Todos os processos que geram gases de efeito estufa estão relacionados a atividades econômicas importantes em todos os países. O metano é o segundo gás de efeito estufa mais importante, depois do dióxido de carbono. Entretanto, o metano tem uma vida relativamente curta na atmosfera - em média sua vida na atmosfera é de 11 anos, muito menor em relação ao gás carbônico. Inicialmente o dióxido de carbono decai rapidamente à medida que ele é absorvido pela biosfera terrestre, mas há parte dele, cerca de 15%, que é retirada da atmosfera pelos oceanos de forma extremamente lenta, leva mais de mil anos. Então, sob esse ponto de vista, o metano é, a longo prazo, menos importante ou menos problemático do que o dióxido de carbono.

Também existem formas com modificações no modo de como o gado é criado, sendo as emissões de metano menores do que o são normalmente. Outra grande fonte de metano é a decomposição anaeróbica, ou seja, sem

oxigênio, da matéria orgânica, e isso ocorre muito e naturalmente com os ciclos de alagamento de vegetação, que é afundada em água e aí se decompõe, gerando metano. Depois a vegetação cresce, quando a água desce, e a regularização desse processo anual também contribui para que se diminuam, um pouco, as emissões de metano.

IHU On-Line - Há possibilidade de extinção de espécies e biomas em função das mudanças climáticas?

Luiz Gylvan Meira Filho – Sem a menor dúvida, porque as espécies e os biomas são, por definição, extremamente sensíveis às condições locais, sejam de solo, seja de clima. De modo geral, as espécies que têm uma vida relativamente curta e que são muito localizadas, na medida em que, em poucos anos as condições climáticas se modifiquem, não conseguem migrar para locais onde as condições climáticas modificadas sejam apropriadas para a sua vida. Então elas desaparecem naturalmente.

IHU On-Line - Acredita que o Tratado de Kyoto conseguirá trazer melhorias para o clima global?

Luiz Gylvan Meira Filho – Sem dúvida. É um esforço na direção correta. Entretanto, na sua forma atual, o Protocolo é limitado no tempo a um período relativamente curto, as metas de Kyoto se referem somente ao período que termina em 2012, que está quase chegando, e não estabelece metas quantitativas para países importantes, como China, Índia, Brasil, África do Sul, Coreia do Sul, México, etc., fora o fato de que alguns países que pelo Protocolo adotaram metas, mudaram de idéia e decidiram não persegui-las. Então, um dos grandes desafios da diplomacia internacional hoje é fazer que a continuação do Protocolo de Kyoto seja mais eficaz para buscar manter a mudança de clima dentro desse limite de 2°C.

Um olhar econômico sobre as mudanças climáticas

Entrevista com Carlos Eduardo Young



A natureza já está cobrando seu preço por meio de uma espécie de vingança, o aquecimento global. No Brasil, o problema é agravado pelo setor agrícola, que pelas queimadas potencializa a emissão de gases que contribuem para o fenômeno. Como consequência, avalia o cientista econômico Carlos Eduardo Young,

haverá uma redivisão do mapa da produção agrícola, além de impactos nos setores da construção civil e saúde. Outros aspectos fundamentais destacados na entrevista

que o especialista concedeu por telefone à **IHU On-Line** são a importância de uma reversão da política agrícola, deslocada do curto para o longo prazo e a diversificação dos cultivos. Assim o setor primário ficaria menos vulnerável às variações do clima.

Young é graduado em Ciências Econômicas pela UFRJ, especialista em Políticas Públicas pelo Ilpes/Cepal e mestre em Economia da Indústria e da Tecnologia pela UFRJ. Doutor em Economia pela University of London, Inglaterra, defendeu a tese *Economic adjustment policies and the environment: a case study of Brazil*. É autor de, entre outros, ***Exportando sem crises: a indústria de Madeira tropical brasileira e os mercados internacionais***. Londres: IIED, 2004; ***Environmental regulation and competitiveness in Brazilian industry, with special reference to the energy sector***. Oxford: Centre for Brazilian Studies, University of Oxford, 2003. Atualmente leciona na UFRJ no Instituto de Economia Industrial.

IHU On-Line - Quais são os principais impactos econômicos das mudanças climáticas no Brasil?

Carlos Eduardo Young – Tudo que está relacionado à temperatura, chuva, volume e variação de precipitação será diretamente afetado por uma eventual mudança climática. Na verdade, o que temos observado por enquanto é uma oscilação de curto prazo, embora haja indícios de que isso possa estar ligado à mudança climática, pode ser que ainda não tenhamos observado a dimensão real do fenômeno. Em primeiro lugar, entretanto, vem a agricultura, que é um setor diretamente afetado por temperatura e precipitação. É importante deixar claro que mudança climática não diz respeito apenas à mudança na média da temperatura, mas também no que diz respeito à variância. Por isso, prevemos eventos extremos, um verão excepcionalmente chuvoso, ou excepcionalmente seco, um inverno excepcionalmente seco ou chuvoso, pode ser até um inverno quente, um verão frio ou um inverno muitíssimo frio ou um verão muito quente. Todas essas oscilações terão efeito imediato sobre a

agricultura com uma redistribuição regional, ou seja, um dos problemas da mudança climática, em regra geral, é afetar os países que são mais quentes. O maior prejuízo tende a ser onde a temperatura já é muito quente. Claro que haverá beneficiados também com essa mudança, não se trata apenas de perdas. Há mudanças que serão positivas, como em áreas que são muito frias e que passam agora a ter um potencial agrícola.

Variações na agricultura

Na agricultura, prevemos variações importantes inclusive na distribuição regional. Foi realizado, há algum tempo atrás, um estudo, que eu saiba o único dessa natureza, mostrando que os grandes prejudicados seriam os estados do Centro-Oeste e Nordeste, porque essa alteração no ritmo de chuva pode trazer impacto significativo de perda de produtividade, como no caso de cultivo no cerrado e pode trazer eventuais benefícios para o Sul. Em relação à oscilação durante o ano, o prejuízo pode acontecer em qualquer região. O curioso é que essa é uma espécie de vingança da natureza contra um dos setores

responsáveis pelo problema, porque, no caso do Brasil, a maior fonte de emissão de gases de efeito estufa é o setor agrícola na queima das florestas das áreas de vegetação nativa, cerrado para ocupação agrícola. É como se a natureza estivesse cobrando seu preço por isso.

Impacto na construção civil

Outro setor que sofrerá impacto certamente será o da construção civil num longo prazo. Isso porque se houver o que prevemos, a elevação do nível do mar, haverá o importante efeito de realocação de populações que estão próximas da costa. Esse é um efeito curioso porque, na verdade, aumenta a atividade econômica, e não diminui. Mas haverá uma perda de patrimônio. As pessoas não entendem direito o que significa Produto Interno Bruto (PIB). Ele é uma medida de atividade econômica. Numa guerra, por exemplo, o PIB pode aumentar, embora o patrimônio caia. Isso porque, na guerra, aumenta o emprego, a atividade econômica, mesmo que as casas estejam sendo destruídas. É um setor que pode ter um efeito significativo. O setor de saúde pode ter um efeito grande, pois o que se espera é o aumento de incidência de doenças tropicais. Mas seguramente o setor mais impactado é o agrícola.

IHU On-Line - No caso da agricultura, em específico, quais são as regiões e culturas mais afetadas no Brasil?

Carlos Eduardo Young - Serão todas aquelas onde o cultivo é mais dependente de volume natural de chuva e temperatura. Por exemplo, o Sul tem uma tradição maior de irrigação. Onde houver uma tendência maior de irrigação, o efeito pode ser minorado. No Centro-Oeste, a irrigação não é tão difundida, então pode haver um efeito maior. Vai depender se o cultivo é mais sensível às mudanças climáticas será desfavorecido.

Cultivos mais resistentes à variação do clima tendem a ser mais favorecidos. Seguramente vai haver uma redivisão do mapa da produção agrícola. Isso é interessante porque hoje há uma clara tendência de deslocamento da fronteira de produção agrícola para o Centro-Oeste e acredito que essa região será a mais afetada. Não é que o Sul não seja afetado, mas será menos afetado do que as regiões do cerrado e da Amazônia. Um exemplo interessante é sobre essa grande seca na Amazônia, que não foi causada por aquecimento global. Esse fenômeno mostra a dependência da região ao ciclo natural de chuvas.

IHU On-Line - O que se pode fazer nesse momento para mitigar essa situação?

Carlos Eduardo Young - Existem dois tipos de atitude em relação à mudança climática. A primeira é aquela que chamamos de mitigação, que é a luta para evitar o problema, ou seja, a redução da emissão dos gases de efeito estufa. Trata-se de como evitar ou minorar o problema na sua origem, e é sobre isso que trata o Protocolo de Kyoto e acho que há muita coisa na mídia a esse respeito. Basicamente, trata-se de reduzir o consumo de combustíveis fósseis e reduzir o desmatamento. Plantar árvores, sequestrar carbono são soluções. Qualquer medida com respeito à mitigação, vale lembrar, é de longo prazo porque, se pensarmos no principal poluente causador do efeito estufa, o dióxido de carbono, ele vai ficar na atmosfera por mais de cem anos. Então, são medidas que hoje se tomam para diminuir a concentração daqui há cem anos. Mesmo que agora todas as medidas fossem tomadas, ainda assim haverá mudança climática.

Outra dimensão é o que chamamos de adaptação. Significa que o clima vai mudar. E aí, o que nós fazemos? Esse é

talvez o lado mais perverso da mudança climática, que é duplamente injusta. Primeiro porque a geração não foi feita de forma igual no mundo. Os países desenvolvidos foram os maiores responsáveis. Mas ela é injusta, em segundo lugar, porque os países mais afetados são os países mais pobres e menos responsáveis. Na questão da adaptação é que a gente percebe relativo atraso. O grande evento climático no ano passado foi o Katrina e, embora não haja um consenso sobre se esse evento foi ocasionado pelo aquecimento global, ele serve para ilustrar o que pode acontecer no caso de um mundo mais quente. Um mundo mais quente significa mais chuva, mais tempestade, mais furacões, etc. Vi o Bush na TV sendo avisado sobre os problemas climáticos. Se esse país teve essa dificuldade para reagir àquela catástrofe no ano passado, imagine o que aconteceria se isso ocorresse em Bangladesh. Embora a tragédia americana tenha sido grande, ela teria sido muito maior num país com menos recursos.

A verdade é que estamos pouco preparados para lidar com esses eventos extremos. Tivemos dois eventos extremos no Brasil que ilustram bem o que estou dizendo. Um deles foi o Catarina, que pegou de surpresa uma parte relativamente desenvolvida do País, Santa Catarina, e fez um estrago colossal. O segundo foi a seca na Amazônia, levando às populações um problema sério de crise de abastecimento. E nessa área de adaptação, temos pouca coisa feita. Precisamos constituir uma rede de defesa civil preparada para grandes estiagens, fome e eventos extremos. Isso tem um custo para o qual vejo que não há disposição dos governos estadual, federal e municipal.

IHU On-Line - Como o atual governo tem se posicionado a respeito desse

tipo de questões? Existe algum programa de medidas a ser tomado?

Carlos Eduardo Young – No papel, existem belíssimas idéias. Mas qual foi a contribuição desse governo para conter, por exemplo, a maior causa de aquecimento global no País, o desmatamento? Somente depois que a atenção da mídia internacional foi chamada em função da morte da freira Dorothy Stang¹⁴ é que o governo realmente partiu para ações contra o desmatamento. E ainda assim é política do atual governo a expansão da fronteira agrícola. Estive recentemente num debate com o governador do Rio Grande do Sul, Germano Rigotto, pré-candidato à presidência da República, e perguntei a ele o que fazer em relação à fronteira agrícola. Ele disse que nós precisamos expandir a fronteira, e isso significa aumentar o problema. Esse é o programa de todos os candidatos. Então, na retórica, ninguém vai dizer que é contra. Encontraremos programas piloto. Um exemplo é o biodiesel, apontado no País como uma medida para conter o aquecimento global. No papel, é um belo programa, porque 50% desse biodiesel será oriundo de óleo de mamona,

¹⁴ **Dorothy Stang (1931-2005):** religiosa norte-americana, naturalizada brasileira. Pertencia à congregação das Irmãs de Nossa Senhora da Namur. Em 1966, iniciou seu ministério no Brasil, na cidade de Coroatá, no Estado do Maranhão. Atuou ativamente nos movimentos sociais no Pará. Sua participação em projetos de desenvolvimento sustentável ultrapassou as fronteiras da pequena Vila de Sucupira, no município de Anapu, no Pará, ganhando reconhecimento nacional e internacional. A religiosa participava da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) desde a sua fundação. Defendia uma reforma agrária justa. Irmã Dorothy Stang foi assassinada, com sete tiros, aos 73 anos de idade, no dia 12 de fevereiro de 2005, a 53 quilômetros da sede do município de Anapu. Para maiores detalhes sobre o fato, consulte as *Notícias Diárias* dessa data, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos (IHU), endereço www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

produzido por agricultores familiares no semi-árido nordestino. Na prática, eu duvido que isso ocorra por uma série de razões. A principal é que a agricultura familiar não produz excedente. Para abastecer a frota de caminhões com biodiesel, é preciso produção em escala comercial. Quem vai ser beneficiado? Quem é o grande produtor de oleaginosas no Brasil, a mesma soja que hoje é fator de desmatamento, que causa aquecimento global? Então há no discurso um belíssimo programa, que, na prática, pode até aumentar o problema, pois na hora da definição da política pública, infelizmente o que percebemos é que tudo que diz respeito a longo prazo (e aquecimento global e ambiente são a longo prazo), perde para tudo que é curto prazo, como aumentar a produção de grãos, por exemplo.

IHU On-Line - Qual seria então um paliativo para amenizar esse tipo de atividade?

Carlos Eduardo Young – O problema é a agricultura. A extração de madeira só é um problema porque fomenta a produção agrícola, mas o madeireiro não coloca fogo na floresta, quem o faz é o agricultor e o pecuarista. O primeiro de tudo é reverter essa política agrícola de expansão de quantidade e melhoria de qualidade. Ao invés de aumentar nosso valor de exportação agrícola, produzindo soja ao preço mais baixo, devemos produzir um produto de maior valor adicionado, já beneficiado e utilizando melhor as áreas que já foram abertas. Hoje temos uma enorme quantidade de áreas desmatadas que são subaproveitadas, porque é mais barato produzir numa terra virgem no cerrado. Se houvesse uma política consistente, poderia haver alternativas.

Outro detalhe importante é que sempre que se expande a oferta de produto

agrícola, e essa é a política do Brasil, tende-se a baixar o preço. Aumenta a oferta, a procura é a mesma, então o que acontece com o preço? Ele cai. Então se deve fazer uma política de valorização do preço. Foi o que aconteceu há pouco com a soja, cujo preço está caindo. Por que caiu o desmatamento no Brasil? O governo vai dizer que foi por causa das ações que ele tomou no ano passado. Na verdade, houve uma redução da área cultivada de soja porque o seu preço devido ao excesso de produto no mundo. Então, mesmo do ponto de vista econômico, não faz sentido investir na expansão do monocultivo. Assim, é preciso uma reversão da política agrícola, uma política que seja mais favorável a cultivos de longo prazo. Eu, por exemplo, sou favorável ao manejo florestal. Precisamos de madeira, e ele tem vantagens em relação ao cultivo anual porque a árvore fica lá mais tempo, e o carbono também. Para isso, entretanto, é preciso de uma política de juros consistente, porque se voamos demorar dez ou vinte anos para derrubar uma árvore, os juros sobre esse período não pode ser o mesmo de um cultivo que eu colheremos daqui a seis meses.

“É preciso repensar a política fiscal brasileira”

Sobre as políticas de mitigação e adaptação, precisamos repensar toda política fiscal brasileira, em que todo esse gasto social de longo prazo é cortado em prol de benefícios de curto prazo que são questionados. É a questão do arrocho fiscal. Para melhorar o sistema de atendimento a catástrofes, é preciso que o setor público faça investimentos. Eu não posso fazer uma conta dizendo que esse dinheiro foi economizado porque nos últimos anos não houve catástrofe. Precisamos ter uma política nacional de acidentes, catástrofes, de prevenção, bem como pessoas treinadas para atuar

quando se precisa. É a mesma lógica do seguro. Pagamos o seguro esperando não precisar usá-lo. Qual é o nosso seguro contra a mudança climática? No caso de uma quebra agrícola, que tipo de política nós temos para lidar com a possibilidade de um grande contingente de agricultores ter sua produção destruída por uma seca prolongada, ou por uma chuva excessiva? Esse tipo de fenômeno tende a acontecer com maior frequência e para isso é necessário prevenção. Quando falamos em diversificar produção agrícola, um dos motivos é esse, porque com uma produção mais diversificada, tendemos a ter mais resiliência¹⁵ à variação climática.

IHU On-Line - Você acredita ser possível compatibilizar o capitalismo com o desenvolvimento sustentável?

Carlos Eduardo Young - Eu respondo fazendo ainda um gancho com a pergunta anterior. Outra área importante é a energia. O Brasil precisa definir seriamente qual é o seu modelo energético. Existe uma ambigüidade do setor no Brasil nos últimos 10, 15 anos que foi meio induzida por essa questão no curto prazo. Qual é afinal a política energética que vamos adotar? Nós somos tradicionalmente um país de hidroeletricidade, o que é bastante favorável do ponto de vista de mudança climática, mas que tem custos do ponto de vista de preservação da biodiversidade. Barra Grande¹⁶ ilustra esse dilema,

¹⁵ Sobre o tema resiliência o IHU promoveu em 7 de março de 2005 um dos *Encontros de Ética*, conduzido pelo Prof. MS. Christian Haag Kristensen, sob o título *Estresse, trauma e resiliência*. Sobre o assunto o palestrante concedeu entrevista à *IHU On-Line* 130, de 28 de fevereiro de 2005, disponível através do sítio www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁶ **Hidrelétrica de Barra Grande:** usina localizada na divisa de Santa Catarina com o Rio Grande do Sul. A usina de Barra Grande é a maior em construção no país. Trata-se de um paredão de concreto de 180 metros de altura, no Rio Pelotas. (Nota da *IHU On-Line*)

porque a energia hidrelétrica não emite poluentes, ou emite muito menos do que as fontes de combustão.

As fontes de biomassa seriam uma opção, desde que elas não se incidam na expansão da fronteira. Não sou contra um programa de biodiesel, como não sou contra um programa de etanol, que são fontes substitutivas do combustível fóssil. Mas, para implementar esse programa, devemos explicitar em que áreas faremos esse tipo de cultivo. Se iremos usar essas áreas que já foram desmatadas e impedir um efeito de expansão para as áreas florestadas eu acho que são opções bastante viáveis e que podem gerar desenvolvimento, agora respondendo especificamente a esta pergunta.

Questão ambiental é investimento, e não custo

Vou dar um exemplo bastante claro quando se fala sobre o gasto público. O problema urbano típico, a chuva excessiva e aquecimento global, tende a gerar problemas de desabamento, inundação, lixo e proliferação de doenças. Como se combate isso? Com a construção civil. Se eu sou um prefeito e a minha previsão climática para os próximos 50 anos é que as tempestades vão aumentar, tenho que tomar medidas compatíveis com isso. E construção civil gera emprego, desenvolvimento. É um setor altamente empregador. Então uma política consistente irá, por exemplo, resolver o problema de saneamento no Brasil, porque a dramaticidade dos eventos vai ser mais importante. A urbanização é fundamental. Estou conversando agora com você pelo telefone e estou vendo uma favela. No Rio de Janeiro, é só olhar para o morro que vemos uma favela, e olhando para ela, no alto de um morro, aquela é uma área que está sujeita a acidente, porque ela está no alto de um morro

desprotegido. Quando vier a chuva ela irá levar o que for. É preciso uma política de habitação, fazer deslocamento de população, que gera emprego e atividade econômica. Podemos pensar que a questão ambiental é um custo. Mas ela é um custo simplesmente se deixarmos que ela ocorra. Se eu penso nas soluções possíveis para o problema que exigem investimento, mas acabam gerando retorno econômico e geração de emprego aí posso ter um ganho no final, mas preciso tirar o foco do curto prazo para a política de longo prazo.

Quanto ao capitalismo, ele é uma espécie de camaleão, que se adapta ao ambiente onde vive. Se estabelecermos regras para um capitalismo predatório, porque a taxa de juros é absurda, qualquer negócio para ser viável precisa ter uma taxa de retorno absurda, é claro que teremos condições pouco favoráveis para um desenvolvimento sustentável. Se estabelecermos regras e políticas para o longo prazo, é possível desenvolvimento sustentável a longo prazo. Se eu politicamente dou importância ao futuro, é possível sim, que seja compatível.

IHU On-Line - No Brasil, quais são as principais iniciativas que conseguem unir esse binômio desenvolvimento sustentável e preservação do ambiente?

Carlos Eduardo Young - Eu citaria o exemplo dos projetos de aproveitamento energético dos resíduos. É uma política que melhora as condições gerais das populações porque lida com os problemas mais sérios e, ao mesmo tempo, gera energia e soluções de desenvolvimento. Continuando, ainda, de forma geral, as políticas de saneamento geram benefício. Sobre a questão da floresta, há duas opções para vê-la. Ou vemos a floresta como um depósito de recursos que vamos depredar, ou vemos a floresta como um gerador permanente de

serviços, dos quais podemos tirar valores econômicos, desde que sejam criadas condições. Energias renováveis são outra alternativa. Hoje temos a energia eólica. Fortaleza é abastecida em parte pela energia elétrica e em parte, por energia eólica. Há um potencial muito grande, é uma energia limpa e que gera desenvolvimento tecnológico. Existe um enorme espaço para tudo isso, e desenvolvimento sustentável é qualidade de vida. A economia pode melhorar com isso também, basta que o modelo econômico permita.

IHU On-Line - O senhor teria mais algum tópico a acrescentar?

Carlos Eduardo Young - Acho importante a posição do governo brasileiro em assumir agora, na última Conferência das Partes da Convenção do Clima, em Montreal, a questão de evitar o desmatamento como uma política de conter o aquecimento global. Até então o governo brasileiro estava sendo contra e, finalmente, agora assumiu essa posição, ao invés de varrer o problema para baixo do tapete. Agora ele está tentando tomar medidas efetivas para isso, o que nos remete a um segundo ponto também muito importante de que precisamos parar de trabalhar a fragmentação sobre o debate a respeito do desenvolvimento sustentável. Temos uma Convenção da Mudança Climática, uma Convenção da Conservação da Diversidade Biológica¹⁷, e

¹⁷ **Convenção sobre Diversidade Biológica - CDB:** é um dos principais resultados da Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento - CNUMAD (Rio 92), realizada no Rio de Janeiro, em junho de 1992. É um dos mais importantes instrumentos internacionais relacionados ao meio ambiente e funciona como um guarda-chuva legal/político para diversas convenções e acordos ambientais mais específicos. A CDB é o principal fórum mundial na definição do marco legal e político para temas e questões relacionados à biodiversidade (168 países assinaram a CDB e 188 países já a ratificaram, tendo estes últimos se tornado Parte da Convenção). A cidade

elas são tratadas como coisas estanques, quando elas deveriam ser integradas. Será realizada agora uma importante conferência, a Conferência das Partes da Convenção da Diversidade Biológica em Curitiba. Esse evento discutirá a importância da biodiversidade na vida humana, na sociedade e essa relação entre conservação florestal e clima, levando-nos a olhar as coisas de forma integrada, e não fragmentada.

de Curitiba, no Paraná, foi escolhida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, para sediar a Conferência das Partes (COP-8) da Convenção sobre Diversidade Biológica e a 3ª Reunião das Partes do Protocolo de Cartagena sobre Biossegurança (MOP-3). O encontro ocorrerá entre os dias 13 e 31 de março de 2006 e deverá reunir cerca de três mil pessoas de 200 países. A escolha do local levou em consideração critérios técnicos analisados pelo grupo interministerial, formado pelos ministérios do Meio Ambiente, das Relações Exteriores e a Embratur. (Nota da *IHU On-Line*)

Precisamos da Política e do Direito para regular as questões ambientais

Entrevista com Nícia Barbin



Para a bióloga e advogada Nícia Beatriz Cruz Barduchi Barbin em entrevista concedida por e-mail à *IHU On-Line* “os governos, de um modo geral, já perceberam a importância da causa ecológica”. Segundo ela, com os conhecimentos técnicos fundamentais para a compreensão e a modificação do problema ambiental, a “solução dos problemas criados pela ação dos homens é matéria que não depende apenas do conhecimento científico, mas da Política e do Direito, uma vez que estas são ciências que dispõem de

meios coercitivos capazes de criar obrigações”.

Recentemente Nícia defendeu dissertação de mestrado em Geografia no Instituto de Geociências (IG) da Unicamp, sob o título *Inter-relação entre as Mudanças Climáticas, a Política e o Direito*. É especialista em Direito Constitucional. Atua como consultora ambiental e leciona no curso de pós-graduação em Direito Ambiental na Universidade Metropolitana de Campinas (Metrocamp), município de Valinhos, interior de São Paulo. Confira a íntegra da entrevista.

***IHU On-Line* - Como a política e o direito interagem nas questões climáticas?**

Nícia Barbin - O clima da Terra já mudou muitas vezes ao longo da história. Entretanto, as alterações climáticas que eram atribuídas apenas a fenômenos naturais passaram a ser associadas às atividades humanas (agrícolas e industriais), fato que vem causando sérias preocupações para diversos setores da sociedade em razão da previsão de conseqüências catastróficas para o ser humano, demais formas de vida e para os processos físicos do planeta. A comunidade científica considera a Revolução Industrial (século XVIII) como o marco inicial para as alterações do

clima induzidas pelas atividades humanas, notadamente as que envolvem queima de biomassa e de combustíveis fósseis, que alteraram a composição da atmosfera, em razão do lançamento de grandes quantidades de gases de efeito estufa e material particulado que afetam o equilíbrio radiante do planeta e promovem a destruição da camada de ozônio. Essas atividades antrópicas envolvem causas complexas, com implicações em fatores sociais, científicos – principalmente os relacionados ao desenvolvimento tecnológico-econômicos e políticos.

Mecanismos para regular questões ambientais

As relações humanas se regem, no mundo civilizado, por princípios e normas. Com o surgimento de uma consciência ambiental e tendo as discussões sobre meio ambiente alcançado os fóruns internacionais, surgiu também a necessidade de serem desenvolvidos mecanismos para regular as ações dos diversos países, pois as questões ambientais, especialmente as climáticas, não são limitadas por fronteiras estabelecidas por acordos entre os homens. Os estudos de diversas áreas específicas, como a geografia, meteorologia e outras ciências afins, sobre as mudanças climáticas são essenciais para o conhecimento dos problemas e direcionamento das medidas que contribuam para a reversão do trágico cenário previsto por algumas instituições. A solução dos problemas criados pela ação dos homens, todavia, é matéria que não depende apenas do conhecimento científico, mas da Política e do Direito, uma vez que estas são ciências que dispõem de meios coercitivos capazes de criar obrigações. É difícil enumerar os principais mecanismos coercitivos criados pela política e pelo direito, mas posso mencionar as diversas Conferências Internacionais que têm sido realizadas por meio da ONU, especialmente a Conferência de Estocolmo (1972) e a Conferência do Rio de Janeiro (1992). Em decorrência dessas reuniões, diversos países firmaram acordos internacionais, assunto próprio do Direito Internacional, dentre os quais deve-se citar: O Protocolo de Montreal (proteção da camada de ozônio – eliminação de CFCs); a Convenção sobre a Diversidade Biológica (Biodiversidade); a Agenda 21; a Declaração do Rio Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento; a Declaração de Princípios sobre Florestas e a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre as

Mudanças do Clima, da qual originou-se o Protocolo de Kyoto.

IHU On-Line - É possível mudar a visão antropocêntrica e fazer os governos perceberem a importância da causa ecológica?

Nícia Barbin - A sociedade humana busca sua segurança e hoje começa a ter consciência de que não poderá sobreviver se o seu ambiente não for preservado. A questão ganha aspectos jurídicos e filosóficos quando a reversão desse quadro de degradação ambiental implica mudanças de valores e de costumes. Valores como a vida e a liberdade, de natureza universal (cujas idéias culminaram com a Revolução Francesa), são tidos como valores antropológicos e continuam merecendo respeito hoje. É importante, entretanto, que a liberdade do homem respeite os limites de todos os outros seres. Os governos, de um modo geral, já perceberam a importância da causa ecológica.

IHU On-Line - No caso específico do Protocolo de Kyoto, como funciona a interação entre direito e biologia?

Nícia Barbin - O Protocolo de Kyoto é um importante acordo internacional, que entrou em vigor em fevereiro de 2005, após a sua ratificação pela Rússia, e que tem por objetivo a redução até 2012 da emissão de gases de efeito estufa, principalmente o dióxido de carbono (CO₂), em 5,2% em média, tomando por base os níveis de 1990. O acordo é ambientalista, relacionado às questões climáticas, e busca contribuir para a redução do aquecimento global associado às atividades antrópicas. A relação com o direito decorre da assinatura e cumprimento de um acordo internacional, que cria direitos e obrigações entre as partes signatárias. A relação com a biologia dá-se na medida em que o aquecimento global interfere

nas formas de vida, de modo que a diminuição do aquecimento permitirá a manutenção da vida como conhecemos.

IHU On-Line - Como conciliar os interesses de países minúsculos e pouco poluentes e outros gigantescos e bastante poluentes?

Nícia Barbin – A história mostra que, na construção de suas sociedades, o ser humano caminha na trilha da luta pela conquista de poder, de territórios e de direitos. Hoje, o poder é associado a valores econômicos e estes à produção industrial, o que transforma países ricos e poderosos em países muito poluidores, situação que torna muito difícil conciliar interesses entre ricos e pobres. Para resolver conflitos, alguns países organizaram-se e constituíram a Organização das Nações Unidas (1945), a ONU, que atualmente conta com mais de 190 países e tem como principais objetivos: manter a paz e a segurança internacionais; desenvolver relações amistosas entre as nações, como base nos princípios de igualdade de direitos e de autodeterminação dos povos; promover a cooperação internacional em assuntos econômicos, sociais, culturais e humanitários. As questões humanitárias integram as negociações diplomáticas sobre as mudanças climáticas.

IHU On-Line - Qual é a situação no Brasil na relação do clima com a política e o direito?

Nícia Barbin – O Brasil é um país que tem bastante envolvimento político com as questões ambientais, especialmente com as questões climáticas, tendo sido o primeiro país a assinar a Convenção-Quadro das Nações Unidas para Mudanças do Clima (1992). A proposta levada pelo Brasil – o fundo de desenvolvimento limpo – para Kyoto em 1997, contribuiu decisivamente para a criação do Mecanismo de

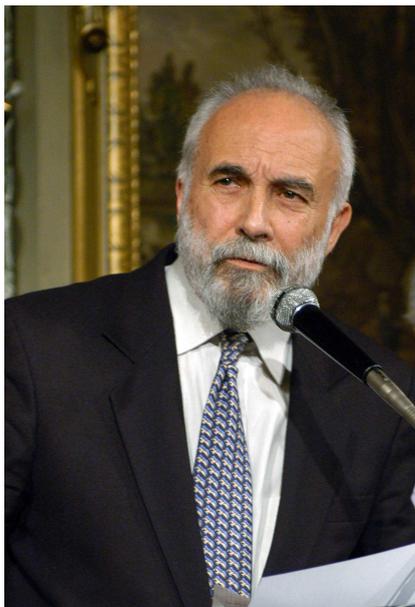
Desenvolvimento Limpo – MDL. Apesar de não ter compromissos de redução de emissões de gases de efeito estufa, aqui são desenvolvidos diversos programas e ações com esse objetivo, especialmente os relacionados ao uso de energias renováveis, destacando-se o Proálcool e o Programa Brasileiro de Biocombustíveis. Em 1999, foi criada a Comissão Interministerial de Mudança Global, que assessora a presidência da república nos assuntos referentes às alterações climáticas. Apesar do desenvolvimento de muitos programas e ações internas, ainda há necessidade de implementação de políticas nacionais de longo prazo, pois mesmo não sendo significativa a porcentagem de emissões de carbono decorrentes da atividade industrial, o Brasil é considerado um dos maiores emissores de CO₂ na atmosfera, devido ao desmatamento na Amazônia e às queimadas.

IHU On-Line - Que políticas ambientais deveriam ser implementadas com urgência?

Nícia Barbin – As políticas ambientais, apesar de seu alcance internacional, devem também ser propostas e dimensionadas local e regionalmente, para que sejam considerados aspectos culturais, econômicos e ambientais de comunidades específicas. Os modelos de Desenvolvimento Sustentável propostos na Agenda 21 englobam essa questão e buscam compatibilizar a sustentabilidade ambiental, social e econômica. Para alcançar esse objetivo, hoje utópico, é necessário o envolvimento da comunidade, que deve conhecer a questão de forma abrangente. Desse modo, a meu ver, a primeira e mais urgente ação que deve ser implementada é a universalização da educação ambiental.

A sociedade civil como novo ator político

Entrevista com Francisco Whitaker



Francisco Whitaker, membro da Comissão de Justiça e Paz da CNBB e do comitê organizador do Fórum Social Mundial concedeu uma entrevista exclusiva por telefone para a revista **IHU On-Line** sobre a conjuntura nacional. O arquiteto fez uma avaliação do governo Lula e falou sobre o sistema político atual, traçando perspectivas otimistas para o período pós-crise. Recém-desfilado do Partido dos Trabalhadores, Whitaker afirma que “a política no Brasil virou uma política partidária, uma questão de carreira pessoal e não de propostas coletivas

para mudar as coisas”.

Whitaker também é sócio fundador da Associação Transparência Brasil. Foi consultor da Unesco, professor no Instituto de Formação para o Desenvolvimento de Paris e no Instituto Latino-Americano de Pesquisas Econômicas e Sociais (Ilpes/ONU) e trabalhou no setor de desenvolvimento urbano e regional da Divisão de Assuntos Sociais da Comissão Econômica para a América Latina (Cepal/ONU). Foi vereador de São Paulo pelo PT .

***IHU On-Line* - Por que o senhor decidiu deixar o PT agora? O que o fez definitivamente tomar essa decisão?**

Francisco Whitaker - É uma longa história. Estive com o PT muito tempo, sempre acreditando que ele tinha um projeto de mudança fundamental. Mas ele foi, pouco a pouco, sendo absorvido pelas mazelas e distorções do sistema político brasileiro. Ele se tornou um

partido como os outros. Isso se combinou, para mim, com a descoberta progressiva de que é muito importante a ação política fora dos partidos. Ou seja, a mobilização, a organização da sociedade civil como ator político, independentemente dos partidos e governos. Com essa combinação, concluí que não era mais o caso de estar dentro do Partido, que já não era novo, não era o que pretendia ser, e ao mesmo tempo,

poder me dedicar à ação política fora de partido, como ator junto à sociedade civil.

***IHU On-Line* - Acredita que o PT possa mudar? É necessário o surgimento de uma nova esquerda?**

Francisco Whithaker – O PT deverá, com toda essa crise que ele viveu, tentar mudar, liberar-se de todas as distorções. Quanto à nova esquerda, aparecem situações, que incluem partidos e esse novo ator, desse novo século, que é a possibilidade de a sociedade civil atuar politicamente, inclusive para pressionar os partidos para que eles façam o que têm que fazer, mas também para fazer uma parte que está ao alcance dela para mudar o mundo. Isso é uma experiência que ficou muito clara com o que o Fórum Social Mundial vem fazendo: estimular as organizações e a sociedade não-partidária ou governamental a assumir o papel que lhes cabe.

***IHU On-Line* - Quais seriam, segundo seu ponto de vista, os maiores acertos e maiores erros do governo Lula?**

Francisco Whithaker – Os acertos foram no sentido de não ser um governo nem repressivo, nem definidor da sociedade em geral. É um governo aberto, disposto a encontrar caminhos. O grande problema é que ele não se liberou das disjunções que o impediam de fazer a política econômica, por exemplo. Atividades e inovações foram e estão sendo feitas, mas muito menos do que ele poderia fazer. Ao mesmo tempo, o governo deixou de fazer coisas essenciais que mudassem fundamentalmente a maneira como a política econômica é conduzida. No fundo, ele se ateu ao modelo anterior. Ele deu uma simples continuidade do que vinha sendo feito antes, ou seja, manteve as regras que determinam essa enorme desigualdade, que é o grande problema do nosso país.

***IHU On-Line* - Pensa que Lula pode ser reeleito? Gostaria que ele fosse?**

Francisco Whithaker – A essa altura dos acontecimentos eu já tenho muito menos ilusão quanto à possibilidade de um governante mudar as coisas. Agora analiso os governantes como “o menos mal” ou o “mal menor”. O Lula, num certo sentido, quase que entra para mim nessa categoria. Antes eu já tinha pouca ilusão e hoje vejo que não é por aí que a coisa vai mudar. Vou votar no governante que será “menos pior”. Se entre os que tiverem sendo oferecidos o Lula continuar, eu vou votar nele. Mas sem nenhum entusiasmo, sem fazer campanha para ele.

***IHU On-Line* - O senhor sente que o PT no qual apostou durante anos não existe mais?**

Francisco Whithaker – Aquele PT não existe mais. É muito difícil ele se recuperar. Foi muito profunda a entrada dele nas práticas do mundo da tradicional e velha política brasileira. Por exemplo, a maneira como o PT considera o Legislativo, que é um poder fundamental na República, não é como deveria. Isso foi uma luta que eu tive permanentemente dentro do PT e não consegui fazer o que eu achava que precisava ser feito, que é valorizar mais o legislativo. O PT de novo, seguramente, vai fazer uma campanha eleitoral em torno do executivo e vai deixar que os candidatos às câmaras estaduais, federais e ao senado se virem, em uma competição enorme entre eles mesmos, para depois chegar lá e tentar fazer uma maioria no congresso, que normalmente no Brasil passa pela cooptação dos optados e não por uma opção concreta por políticas e programas específicos. A política no Brasil virou uma política partidária, uma questão de carreira

pessoal e não de propostas coletivas para mudar as coisas.

IHU On-Line - Que espécie de mudanças ou reformas seriam fundamental no sistema político para que esse novo sujeito, que o senhor aponta como a sociedade civil, pudesse ter mais vez na política?

Francisco Whithaker - Isso vai depender muito da própria sociedade civil se organizar, encontrar mais instrumentos e pressionar a legislação para que se criem mais instrumentos de controle social. Há toda uma busca de que instrumentos que já existem na Constituição, como o referendo e o plebiscito, que podem ser valorizados e utilizados de forma mais intensa e freqüente. Mas vai depender muito mais, independente do sistema político, da sociedade se organizar e ser capaz de pressionar o governo, de fazer o que tem que ser feito. Ela tem um papel muito grande na mudança cultural, na atitude das pessoas, na construção da consciência da cidadania, da consciência de sermos todos sujeitos de um processo e não simplesmente objetos comandados. Por exemplo, a maneira como são feitas as campanhas eleitorais, o financiamento de campanhas, precisam ser mudadas no sistema. Mas tudo isso vai depender de a sociedade ser capaz de exercer o controle social que tem que existir.

IHU On-Line - De que maneira o predomínio da economia sobre a política afetou concretamente a democracia brasileira?

Francisco Whithaker - O grande drama da economia brasileira é ela ignorar totalmente o que chamamos de mercado interno, dentro da economia capitalista. Desde 1500, nossa economia é toda voltada para a exportação. Durante a ditadura, isso se exacerbou com a velha frase "exportar é a solução". Nossa

economia está voltada para exportar. Existe, no País, uma enorme massa de pessoas que são consumidoras em potencial. Para o capitalismo, se os consumidores tiverem condições de elevar sua capacidade aquisitiva, eles formam um mercado para uma produção voltada para as necessidades deles. É o velho princípio capitalista puro e simples de que é preciso ter consumidor para poder ter produção. Se não houver consumidor com capacidade aquisitiva, a produção entra em crise. É uma questão de mudar a política industrial, mudar a política agrícola, em vez de ficar atento simplesmente a altas tecnologias, porque é preciso competir no exterior, na exportação. É preciso ver o que existe em tecnologia menos desenvolvida, mas que pode permitir a produção para a população em geral. Essa mudança é fundamental e está simplesmente esquecida. Isso vai determinar o crescimento do nível de vida das pessoas e, portanto, a própria democracia vai ganhar com isso.

IHU On-Line - O que há de verdade e o que há de mito por trás da imagem de crescimento econômico, PIB crescendo, exportações também, inflação sob controle?

Francisco Whithaker - O que temos aí é uma concepção de desenvolvimento totalmente furada. É como se crescimento e desenvolvimento fossem sinônimos e são duas coisas diferentes. Crescimento econômico pode se fazer com uma distribuição de renda totalmente desequilibrada. Desenvolvimento é outra coisa. A concepção de desenvolvimento é que haja crescimento dos níveis de vida de toda a população e não somente de uma minoria. O crescimento propriamente econômico se faz com concentração de renda. O desenvolvimento se faz com distribuição de renda. O Brasil é vítima da visão

segundo a qual é preciso crescer o PIB. É óbvio que o PIB precisa crescer, senão a riqueza não poderá ser distribuída. Mas ele tem que crescer fazendo-se ao longo desse processo.

IHU On-Line - O que se deve esperar dos intelectuais neste ano tão importante para o País?

Francisco Whithaker – Os intelectuais têm um papel fundamental porque são pessoas que têm condição de refletir sobre o conjunto, ver o que está acontecendo, sem ficarem presos a limitações pessoais, de carreira política. A contribuição que eles têm a dar é ajudar a sociedade a refletir, ajudar a identificar quais os pontos, os enganos, as modificações que precisam ser feitas. Mas para isso eles têm que se despartidarizar também e olhar a sociedade como ela é, os problemas como eles são. E eles têm que procurar ser honestos até o fundo. O intelectual tem que trabalhar com a verdade e não com a sua opção partidária.

IHU On-Line - E o que esperar dos movimentos sociais?

Francisco Whithaker – Podemos esperar que também se desvinculem, porque esse é o drama do governo Lula. Muitos dos nossos movimentos sociais perderam sua força porque começaram a receber muita ajuda do governo e criaram uma espécie de dependência. Os movimentos sociais brasileiros enfrentam o velho problema da sociedade civil. Eles passaram a não poder fazer a pressão que poderiam fazer, a continuar a organizar o povo para defender seus direitos, porque passaram a receber ajudas que determinaram uma espécie de arrefecimento da sua capacidade reivindicativa.

IHU On-Line - O que o senhor espera para 2006?

Francisco Whithaker – Espero que essa crise crie novos caminhos. Sou extremamente otimista em relação à possibilidade de que estejamos descobrindo onde estão os erros e quais são os caminhos novos que têm que ser trilhados. Toda a crise é extremamente positiva. Essa crise foi muito profunda para todos, não só para os partidos como também para a própria sociedade civil. Disso vai nascer alguma coisa nova. Faço muita fé também no Fórum Social Brasileiro que vamos realizar em abril, em Recife¹⁸, que será sobre a experiência brasileira. Não é balanço de governo Lula, é experiência brasileira desses últimos tempos. Exatamente situando o que a sociedade civil fez e não fez, o que os movimentos sociais e governos fizeram ou não fizeram. Será um balanço geral para definirmos esses caminhos novos. Sou muito otimista em relação a isso tudo.

¹⁸ Os movimentos e organizações que realizaram o Fórum Social Mundial de 2005 decidiram promover, de 20 a 23 de abril de 2006, na cidade do Recife (PE), o II Fórum Social Brasileiro - como um Fórum Social Mundial Temático - sobre a experiência política vivida pelo povo brasileiro, na ótica dos movimentos e organizações da sociedade civil que se opõem ao neoliberalismo, ao domínio do mundo pelo capital e por qualquer forma de imperialismo. Mais informações podem ser obtidas no site <http://www.fsb.org.br/> (Nota da *IHU On-Line*)

destaques da semana

Teologia Pública	pg. 37
Filme da Semana	pg. 42
Deu nos jornais	pg. 45
Frases da Semana	pg. 47

Como prevenir um choque das civilizações?

Por Hans Küng

Traduzimos e publicamos o texto a seguir, de autoria do teólogo alemão Hans Küng, sobre a polêmica das caricaturas de Maomé. O texto foi originalmente publicado no *International Herald Tribune*, no dia 3 de março de 2006. Hans Küng é padre católico desde 1954. Foi professor na Universidade de Tübingen, Alemanha, onde também dirigiu o Instituto de Pesquisa Ecumênica. Foi consultor teológico do Concílio Vaticano II. O Vaticano proibiu-o de atuar como teólogo em 1979. Nessa época, foi nomeado para a cadeira de Teologia Ecumênica na Universidade de Tübingen.

Atualmente, mantém boas relações com a Igreja e é presidente da Fundação de Ética Mundial, em Tübingen. Dedicou-se ao estudo das grandes religiões, sendo autor de obras, *Religiões do Mundo: em Busca dos Pontos Comuns*, Campinas: Verus, 2004 e *Projeto de uma Ética Mundial*, São Paulo: Paulinas, 1994. Para conhecer sua trajetória, conferir de *Hans Küng. Libertad conquistada. Memórias*. Madrid: Trotta, 2004. Sobre o tema do artigo que publicamos nesta edição, confira uma entrevista com Hans Küng, nos enviada por ele, na 170ª edição da *IHU On-Line*, de 6 de março de 2006.

A controvérsia sobre as caricaturas dinamarquesas de Maomé provou finalmente que é correta a teoria de Huntington¹⁹ sobre o “choque das

civilizações”? Não, porque civilizações não são atrizes no palco da política mundial, nem financiam guerras; em diversos lugares, pessoas de diferentes culturas convivem tranqüila e pacificamente. Política mundial é assunto para Estados e seus líderes, como sempre foi. No entanto, eles poderiam fazer uma teoria errônea chegar como verdadeira por planos políticos errôneos: a teoria do naufrágio seria, então, uma profecia que

¹⁹ **Samuel Huntington:** Cientista social americano, professor na Universidade de Harvard. Publicou, entre outras obras, *O choque das civilizações e a recomposição da ordem mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997. Considerado o ideólogo do neoconservadorismo norte-americano, enxerga a globalização como processo de expansão da cultura ocidental e do sistema capitalista sobre os demais modos de vida e de produção do mundo, que

conduziria inevitavelmente a um “choque de civilizações”. (Nota da *IHU On-Line*)

se cumpre por si mesma. Aquelas pessoas em Washington que estão urgindo guerra, como certas pessoas da mídia e políticos na Dinamarca e na Itália, jogaram pelas mãos de Bin Laden e da Al-Qaeda, que desejam uma guerra de civilizações. Além disso, os perigos da teoria do choque de Huntington são amplamente percebidos hoje, e a política de administração ruínosa de Bush com suas catastróficas conseqüências, mesmo para a própria América, encontra resistência no mundo todo. Podemos reconhecer com crescente clareza que uma guerra de civilizações e religiões por certo pode ser evitada, e, de preferência, deve ser evitada a todo custo. A única questão é como?

Distensão através do diálogo. Mas, estão os muçulmanos realmente interessados num diálogo sério?

Um tal diálogo tem lugar, por vezes na vida diária, entre indivíduos, grupos e comunidades de fé em vários lugares e em diferentes níveis em todo o mundo. Assim, no amplo cenário político, foi o Presidente da República Islâmica do Irã, Mohammad Khatami²⁰, que, por primeiro,

²⁰ **Mohammad Khatami:** É o quinto Presidente da República Islâmica do Irão. Nascido em Ardakan (região central da província de Yazd), Khatami é licenciado em Filosofia e Ciências da Educação. Reformista, cedo se envolveu em atividades políticas, tendo estado envolvido na campanha a favor da destituição do xá, preparando, fotocopiando e distribuindo discursos políticos, principalmente redigidos pelo fundador da República Islâmica do Irão, na altura exilado em Paris, o Imã Ruhollah Khomeini. Ainda antes da Revolução Islâmica de 1979, Khatami dirigiu o Centro Islâmico em Hamburgo (Norte da Alemanha), centro que se tornou local de campanha islâmica quando o "ayatollah" Khomeini se exilou na França. Em 1980, foi deputado, pertencendo à ala mais radical do regime, e nomeado, em 1982, ministro da Cultura e da Orientação Islâmica (organismo de propaganda oficial do regime). Em 1989 foi novamente nomeado Secretário da Cultura e da Orientação Islâmica, desta vez pelo presidente Akbar Hashemi Rafsanjani. Mais ou menos por esta altura, Khatami começa "uma travessia no deserto" ao defender uma "democracia islâmica". Apoiado

em 1998, propôs à Assembléia Geral das Nações Unidas que o ano de 2001 seria um "Ano de Diálogo entre Civilizações". Os temíveis acontecimentos de 11 de setembro de 2001, pelos quais nem Irã, nem o Iraque foram responsáveis, confirmaram tragicamente a tremenda urgência dessa iniciativa de diálogo. A Assembléia Geral das Nações Unidas de 8/9 de novembro de 2001 foi dedicada ao diálogo entre civilizações. Os delegados dos diferentes Estados, incluindo bastantes estados muçulmanos, se expressaram sem animosidade contra o choque de civilizações e em favor do diálogo entre elas. A Assembléia Geral passou, então, uma resolução com uma concreta "Agenda Global para Diálogo entre Civilizações". No entanto, o delegado dos Estados Unidos foi notável por sua ausência dessa sessão. O público fora virtualmente excluído desse debate das Nações Unidas por "razões de segurança" na "guerra contra o terror". A mídia americana nada disse sobre esse debate, e a mídia europeia mal deu alguma notícia a respeito. Assim, podemos reverter a questão aberta: o Ocidente deseja realmente um sério diálogo com muçulmanos?

Há um apelo pela autocrítica ocidental. Mas, não são os muçulmanos que primeiramente estão promovendo uma autocrítica?

Hoje mais e mais muçulmanos reconhecem a difícil situação do mundo muçulmano e se engajam numa autocrítica. Segundo os três *Relatórios sobre desenvolvimento humano árabe* de anos recentes, comissionadas pelas Nações Unidas e a Liga Árabe e produzidas por aproximadamente

por uma forte corrente popular, Khatami surpreende todas as expectativas e chega à Presidência em 1997, vencendo o candidato conservador Ali Akbar Nategh-Nuri. Reelege-se em 2001. (Nota da *IHU On-Line*)

cinquenta acadêmicos árabes, ninguém pode continuar negando que o mundo árabe em particular encara uma crise social, econômica e política de extensão sem precedentes. Ela demonstra ter a ver com mau governo, planejamento e política, superpopulação, mau sistema educacional, altas despesas militares, nepotismo sistemático, corrupção e o vergonhoso enriquecimento das elites. Entretanto, o Ocidente compartilha da responsabilidade por esta situação. Ele poderia refletir honestamente sobre ela, ao invés de sempre apontar o dedo para o Islã. Em muitos casos, Estados e empresas ocidentais tiveram participação em desenvolvimentos fracassados e abusos. A intensa controvérsia das caricaturas, que se tornou o catalisador para a explosão de profundas frustrações e ressentimentos entre muçulmanos, é o exemplo mais recente. Nós, no Ocidente, temos toda ocasião para um auto-exame, que deve ir além da superfície dos acontecimentos correntes.

Relaxando a tensão pelo reconhecimento de causas mais profundas. Mas, não foi a indignação dos muçulmanos com as caricaturas organizada, e não está cada pensamento sendo usado pelos muçulmanos fundamentalistas para instigar a ira popular?

É verdade que, para organizações islamitas radicais e governos individuais, as caricaturas são uma confirmação bem-vinda de sua caricatura do Ocidente violento e imoral. Elas são como as imagens de tortura de Abu Ghraib²¹, em

²¹ Dia 09 de março as autoridades estadunidenses anunciaram que dentro de três meses a prisão Abu Ghraib, em Bagdá, será fechada. No local, dezenas de prisioneiros iraquianos sofreram torturas e abusos. Em 2004 a publicação de fotos de maus tratos de iraquianos por soldados estadunidenses desencadeou um escândalo mundial, e a prisão tornou-se um símbolo da ocupação dos EUA para muitos iraquianos. Há cerca de dois anos fala-se na possibilidade de desativação da penitenciária que

que direitos humanos foram deliberadamente violados e muçulmanos deliberadamente envergonhados, e podem ser usadas para explorar a ira popular. Mas também é verdade que esta ira popular poderia não ter sido explorada pelos políticos, se o Ocidente não tivesse criado tal rastilho de pólvora, que foi preciso apenas uma faísca para que explodisse a frustração e a fúria que foram desenvolvidas em todo o mundo islâmico. A cada dia, muçulmanos do Marrocos à Indonésia vêm e ouvem sobre as cruéis ações militares no Afeganistão, no Iraque, na Palestina e na Chechênia.

Liberdade jornalística numa imprensa responsável. Mas, não deve a liberdade de opinião e de imprensa, garantida pela constituição, ser mantida em todos os acontecimentos, e caricaturas inofensivas não falham em seu objetivo?

Sem meios de comunicação livres não pode haver democracia. Não se pode, porém, abusar da liberdade de opinião e de imprensa, de tal maneira que ela viole deliberadamente sentimentos religiosos centrais e produza imagens estereotipadas hostis – anteriormente de judeus, agora de muçulmanos. A liberdade de imprensa acarreta a existência de uma imprensa responsável e direitos são marcados por responsabilidades. A liberdade de opinião e a proteção de um espaço pessoal estão, muitas vezes, em conflito, mas qualquer intervenção em qualquer esfera privada deve também respeitar certos limites em assuntos de religião. Isso apela para tato e proporção de todos os artistas criativos, de modo que as pessoas não sejam afetadas no que elas são mais vulneráveis, em algo que é sagrado para elas. O caminho pelo qual jornalistas individuais

agora se efetiva cedendo a forte pressão internacional e ao governo iraquiano. (Nota da *IHU On-Line*)

e políticos justificam a publicação de caricaturas que foram sentidas como insultos pelo 1,3 bilhão de muçulmanos, mesmo quando eles viram as devastadoras conseqüências, é totalmente negligente. Nós aprendemos do anti-semitismo e do Holocausto que fiéis de todas as crenças, e também não-crentes, são solidários com as vítimas em tais casos. Se não é permissível difamar indivíduos e violar sua dignidade, então também se deveria proceder com tato na mídia com os grandes líderes religiosos da humanidade, sejam eles o Profeta Maomé, o Buda ou Jesus Cristo.

Uma solução para o problema da Palestina: central para aliviar a tensão. Mas, não deve primeiro o Hamas islâmico reconhecer o direito de Israel de existir, renunciar a toda violência e subscrever os acordos internacionais na questão Palestina, que chegou tão longe?

Os palestinos podem exigir, por exemplo, que primeiro Israel deve retirar-se de todos os territórios ocupados, de acordo com a resolução 242 das Nações Unidas, desistir de ataques pelo exército israelense e cumprir todas as resoluções das Nações Unidas, que ele ignorou. No entanto, isso não nos leva muito longe. Mais de cinquenta anos do que, na prática, foi uma política partidária de “mediação” pelos Estados Unidos em favor de Israel, em detrimento de todos os palestinos, cuja situação se deteriorou constantemente, leva a duvidar se os Estados Unidos são realmente um honesto mediador da paz. O conflito do Oriente Médio não é, em sua raiz, um problema terrorista, mas um conflito territorial. Se após quase sessenta anos ainda não se comprovou ser possível chegar a relações amistosas entre Israel e um viável Estado palestino, ataques terroristas podem ser esperados a qualquer hora, tanto dentro como fora da região. Um começo foi feito com a

evacuação da faixa de Gaza. A paz requer concessões de ambos os lados, mas, acima de tudo do mais forte. E hoje Israel, com o apoio dos Estados Unidos, é o mais forte poder militar no Oriente Médio. A ampla maioria do povo palestino votou em favor do Hamas islâmico, levado pela profunda frustração com o corrupto e ineficiente regime OLP, a intransigência de Israel e a parceria americana. O Hamas promete libertá-lo da pobreza, corrupção e ocupação. Devem agora as democracias punir o povo pela escolha democrática, quando ele foi solicitado a fazê-la? É uma trágica falácia simplesmente tratar o novo governo palestino como uma organização terrorista e tentar forçar os palestinos de volta a uma situação miserável pela importunação e por ilegal recusa de recursos das taxas e obrigações que lhes são devidas.

Fortalecendo forças muçulmanas em favor de reforma. Mas, seguramente, ataques violentos a pessoas por islamitas radicais e a ocupação de embaixadas estrangeiras e de institutos culturais são totalmente inaceitáveis?

De fato, deve-se resistir firmemente a tal violência. As invectivas de Ahmadinejad contra o Estado de Israel devem ser condenadas por ambos, muçulmanos e não-muçulmanos. A ampla maioria do povo iraniano, porém, votou por Ahmadinejad, por causa da desilusão com o regime anterior dos *mullahs* e na esperança que a pobreza e a falta de perspectivas fossem superadas. Os Estados Unidos erroneamente exoneraram o reformista presidente Khatami, como sendo o representante de um “eixo do mal”. Assim, ele não teve coragem, num estágio anterior, de trazer o poder do esmagador voto eleitoral para ir contra os reacionários *mullahs* e suas guardas revolucionárias. Aqui os Estados

Unidos se jogaram nas mãos do fundamentalista extremista Ahmadinejad.

A guerra contra o Irã seria contrária à lei internacional, imoral e invencível. Mas, não deve a barragem ocidental de tratados contra o regime dos *mullahs* ser respeitada, e isso não significa a possibilidade de guerra?

Como a segunda guerra do Iraque, uma guerra ao Irã seria uma guerra imoral. Ela certamente contaria a resistência dos grandes líderes religiosos e violaria as claras sensibilidades éticas da esmagadora maioria da população mundial. Isso seria uma indicação ulterior de que aqui também nós não temos uma guerra de civilizações ou religiões, mas uma guerra com velados propósitos imperialistas. Como a vitória de Sharon sobre o OLP no Líbano, a vitória de Putin sobre a Chechênia e a vitória de George W. Bush sobre o Talibã e sobre Saddam no Iraque, uma vitória de Bush sobre o Irã seria uma vitória de Pirro, na qual as perdas excederiam de longe os ganhos. Em vista de todos os argumentos éticos, políticos e militares contra ela e aqueles da lei internacional, é de se esperar que os governos europeus se expressarão agora claramente contra uma opção militar, que novamente está sendo considerada por civis neoconservadores no Pentágono, que não têm experiência de guerras.

Diálogo preventivo em vez de guerra preventiva

Em vista das caricaturas de Maomé e das fotografias de torturas de Abu Ghraib, é de todo importante que nós, no Ocidente, não só propaguemos valores compartilhados como paz, igualdade e solidariedade e grandes empreendimentos, como democracia, direitos humanos e tolerância, mas as enchamos com vida por meio de uma ética de humanidade, reverência por todo o tipo de vida, solidariedade, confiança e participação. Em geral, os muçulmanos dos Estados Unidos e os EUA reagiram com restrição aos penosos acontecimentos e procuraram ter uma influência moderada em seus companheiros de fé em países muçulmanos. Eu não desejo que as boas relações entre muçulmanos e não-muçulmanos cheguem a ponto de ofender, e sim de prová-los e tornar-se mais profundas, mesmo que isso deva ocorrer mediante compartilhadas experiências negativas. Precisamente um dos possíveis caminhos para prevenir o choque de civilizações locais e regionais seria promover “concílios intercrenças” em tantas cidades quantas for possível. Tais concílios funcionaram bem na Grã-Bretanha, durante anos. Promovidos por representantes oficiais das comunidades de fé residentes, eles poderiam abordar as questões com relações diretamente afetivas entre comunidades de fé e sua vida em sociedade. Em situações de crise, elas poderiam atuar como mediadoras e prevenir desenvolvimentos nocivos.

Filme da semana

Os segredos de Brokeback Mountain

Os filmes comentados nesta editoria já foram assistidos por algum colega do IHU.

Ficha técnica

Nome original: Brokeback Mountain

Cor filmagem: Colorida

Origem: EUA

Ano produção: 2005

Gênero: Drama

Duração: 134 min

Classificação: 16 anos

Direção: Ang Lee

Slavoj Zizek, filósofo esloveno e autor de "Um Mapa da Ideologia" (Contraponto), entre outros livros, comenta o filme de Ang Lee, em artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, 12-3-06. Os subtítulos são nossos.

Por que Brokeback Mountain perdeu?

"Previsivelmente, o fato de *O Segredo de Brokeback Mountain* não ter ganhado o Oscar de melhor filme no domingo passado foi rapidamente denunciado em alguns círculos como expressão da homofobia oculta de Hollywood. A idéia era que a vitória de *Crash - No Limite* seria um acobertamento hipócrita: para acalmar sua consciência, pesada devido à traição covarde feita a *Brokeback Mountain*, a academia teria optado por um filme anti-racista, dotado de plenas credenciais liberais e politicamente corretas".

Entretanto, *Brokeback Mountain* é um

filme verdadeiramente escapista -um romance trágico, apropriadamente ambientado numa "América profunda", atrasada, décadas atrás. Dessa maneira, o cinéfilo liberal de hoje, que vive em uma cidade grande, pode refletir com satisfação sobre como a vitória já foi ganha: o filme ao qual está assistindo não diz respeito realmente a nossos problemas -em contraste com *Crash*, que trata de problemas inequivocamente atuais. O escapismo mais refinado consiste em evitar os problemas do presente, trazendo à tona os problemas já resolvidos do passado. Assim, o

verdadeiro ato de escapismo teria sido a vitória de *Brokeback Mountain*.

Mas será que a batalha já foi realmente ganha? *Brokeback Mountain* não foi atacado por muitos grupos cristãos de direita, que o viram como tentativa de macular a imagem do caubói, o próprio ícone da vida americana, com a pecha do homossexualismo? A resposta fácil a dar a essas vozes consiste, é claro, em dizer que a ética do *western* é profundamente anticristã: é uma ética de vingança e violência que não prega "volte seu outro lábio para aquele que lhe bate", mas sim, "tome a justiça em suas próprias mãos e revide". Não surpreende que o discurso belicoso da administração Bush pós-11 de Setembro tenha ressuscitado o código dos heróis dos faroestes.

Outra coisa para a qual se chamou a atenção de imediato foram as alusões homoeróticas óbvias do próprio universo do *western*, com seu foco sobre as relações estreitas entre homens e a depreciação que faz das mulheres. A armadilha que se deve evitar aqui é enxergar nessas alusões uma espécie de subtexto "subversivo", uma "resistência" oculta ao regime ideológico oficial, patriarcal, heterossexual etc.

Homossexualidade frustrada

Pelo contrário, essa camada de homossexualidade constitui ingrediente-chave do universo do *western* e é uma característica que salta ainda mais aos olhos nas comunidades militares. A administração Clinton procurou resolver o impasse dos gays no Exército americano com a fórmula de meio-termo expressa na frase "não pergunte e não diga". Ao mesmo tempo em que essa medida oportunista foi criticada, com razão, por endossar em silêncio a atitude homofóbica em relação ao homossexualismo (na prática, ela elevou

a hipocrisia à condição de princípio social, como a atitude adotada em países católicos tradicionais quanto à prostituição), seus críticos, em sua maioria, deixaram passar despercebida a ironia contida nessa medida. Ou seja, precisamos formular uma pergunta ingênua, mas crucial: por que o universo do Exército opõe resistência tão forte à aceitação pública de gays em suas fileiras? Só existe uma resposta coerente possível: não porque a homossexualidade represente uma ameaça à economia libidinal supostamente "fálica e patriarcal" da comunidade militar, mas, ao contrário, porque a economia libidinal da comunidade militar depende de uma homossexualidade frustrada e não reconhecida como componente-chave dos vínculos masculinos formados entre os soldados.

Homofobia violenta e homossexualidade "clandestina"

De minha própria experiência do serviço militar, prestado em 1975, me recordo de como o velho e infame Exército Popular da Iugoslávia era homofóbico ao extremo. Quando se descobria que alguém tinha inclinações homossexuais, essa pessoa era imediatamente transformada em pária, tratada como não-pessoa, para então ser formalmente afastada do Exército. Ao mesmo tempo, porém, o cotidiano do Exército era excessivamente permeado do ambiente das alusões homossexuais.

Por exemplo, enquanto os soldados faziam fila para as refeições, uma brincadeira muito comum consistia em enfiar um dedo no traseiro da pessoa que estava à sua frente e depois tirá-lo rapidamente, de modo que, quando o soldado espantado se virava, não sabia qual dos homens às suas costas, todos com um estúpido sorriso obscuro no rosto, era o responsável pelo ato.

Essa coexistência frágil entre a homofobia violenta e a homossexualidade "clandestina" frustrada é testemunha do fato de que o discurso sobre a comunidade militar só pode funcionar quando censura seu próprio fundamento libidinal. Fora dos limites da vida militar, não é fato que encontramos um mecanismo inteiramente homólogo de autocensura, sob a forma do populismo conservador contemporâneo, com seu viés sexista e racista?

Assim, quando Andrew Longman, em sua coluna *Renew America*, rejeitou *Brokeback Mountain*, dizendo que "não dá para combater o islamismo com caubóis gays", ele estava duplamente equivocado. Para começar, os soldados americanos que combatem o islamismo no Iraque e outras partes do mundo são, sim, "caubóis gays" de um certo tipo, cuja identidade de grupo é sustentada por vínculos homossexuais.

Brokeback Mountain e Capote

Em segundo lugar, é possível, com toda

certeza, "combater o islamismo com caubóis gays": a maneira de realmente vencer a batalha contra o islã militante consiste em trazer à tona o erotismo reprimido dos vínculos masculinos entre militares.

Então como um filme deveria tratar o tema da homossexualidade hoje? Devemos chamar a atenção para *Capote* como modelo positivo contrário a *Brokeback Mountain*. Quem enquadrou ambos os filmes na mesma categoria de "tópicos gays" deixou passar despercebida uma diferença crucial: enquanto *Brokeback Mountain* é de fato um filme sobre a homossexualidade, sobre a situação trágica de um casal homossexual que leva seu amor adiante sob condições adversas, *Capote* é um filme sobre um personagem que, por acaso, é gay.

O foco do filme está em outros fatores, e a homossexualidade não é aquilo que define fundamentalmente o personagem principal. Não seria essa a verdadeira vitória para os gays? O fato de que o herói principal de um filme possa ser abertamente gay, sem que esse elemento faça sombra a todos os outros?"

Deu nos jornais

Diariamente a página www.unisinos.br/ihu no link "notícias diárias" apresenta uma síntese das notícias a partir dos principais jornais do País e do exterior. Abaixo algumas notícias selecionadas, a partir das "notícias diárias" da página do IHU.

Movimentos sociais reavaliam Lula

Os movimentos sociais - das organizações de sem-terra às pastorais sociais da Igreja Católica, passando por centrais sindicais e entidades indígenas - já deram início à temporada de avaliações do governo de Luiz Inácio Lula da Silva, para poder definir suas posições nas próximas eleições. Um dos eventos importantes dessa rodada é a plenária nacional da Coordenação dos Movimentos Sociais, que vai acontecer em São Paulo no sábado, com representantes de 14 Estados e de quase 30 organizações - tais como a Central Única dos Trabalhadores (CUT), o Movimento dos Sem-Terra (MST) e a União Nacional dos Estudantes (UNE). A notícia é do jornalista Roldão Arruda e publicada no jornal *Estado de S. Paulo*, 5-3-06.

O principal debate entre movimentos sociais e ONGs sobre o governo Lula e as eleições, porém, está previsto para abril. Será no Recife, durante o Fórum Social Brasileiro, para o qual são esperadas 20 mil pessoas. O tema central do encontro será Caminhos Para Um Outro Mundo Possível - A Experiência Brasileira.

Embora o objetivo oficial seja avaliar a ação das ONGs e dos movimentos sociais, já se sabe que o governo Lula estará no centro dos debates. A expectativa em torno desse encontro é tão forte - tanto entre os grupos que apóiam Lula quanto entre os seus críticos - que nos bastidores já afloram disputas em torno do temário e até sobre a marcha de abertura.

"Outra Campanha" do subcomandante Marcos inspira setores dos movimentos sociais

Uma das propostas que deve ser discutida no Recife é a de afastar os movimentos sociais e as ONGs dos partidos e dos candidatos nas próximas eleições. Desta forma, seriam discutidas e apresentadas idéias do governo e de toda sociedade. Se algum candidato as encampasse poderia eventualmente ganhar o apoio dos movimentos.

A proposta é inspirada parcialmente no subcomandante Marcos, do Exército Zapatista de Libertação, do México. Em plena campanha eleitoral para a presidência da república, ele viaja pelo país com o intuito de mobilizar movimentos sociais e comunidades em torno de um plano nacional de lutas que ignora os partidos existentes. É a chamada Outra Campanha.

Pai da Terceira Via defende política de Lula

"Em qualquer governo de centro-esquerda, haverá os que dirão que ele não é suficientemente de esquerda, que deveria gastar mais com o social. Penso que a maioria das estratégias de Lula é correta", afirma Anthony Giddens, um dos mais renomados sociólogos do mundo, em entrevista publicada pelo jornal *Folha de S. Paulo*, 5-3-06.

O Chile é, para Giddens, o exemplo de país latino-americano que deu certo.

PT cobra mudança na economia e irrita Lula

Doze dias antes da reunião do Diretório Nacional do PT, um documento escrito pelo assessor de Assuntos Internacionais do Presidência, Marco Aurélio Garcia, já começou a provocar críticas da equipe econômica. Com o título provisório de "O primeiro ano do segundo mandato", o texto contém diretrizes do programa de governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva para a campanha

da reeleição e será apresentado na reunião do diretório, marcada para os dias 18 e 19, em São Paulo. A notícia é do jornal *Estado de S. Paulo*, 7-3-06.

O documento destaca que Lula precisará reduzir drasticamente as taxas de juros e as metas de superávit primário para o País voltar a crescer, ainda neste ano. Condena, também, a proposta de déficit nominal zero. Se levado ao pé da letra, não contém nada de novo em relação ao que os petistas vêm falando em alto e bom som há tempos. Mas causou uma crise porque agora Lula exhibe sinais de recuperação nas pesquisas de intenção de voto e a ordem no Palácio do Planalto é não lavar roupa suja em público.

Lula escolhe padrão japonês para TV digital

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva decidiu que o Brasil adotará o padrão de TV digital japonês (ISDB), segundo notícia de 8-3-06, o jornal *Folha de S. Paulo*. O próprio Lula deve anunciar a decisão depois de amanhã. Após uma dura batalha de bastidores entre os defensores dos padrões japonês, americano (ATSC) e europeu (DVB), o presidente optou pelo primeiro por avaliar que essa proposta trará mais vantagens ao Brasil e às grandes empresas de comunicação do país -entre as quais as Organizações Globo.

Para mais informações confira as entrevistas de Eugênio Staub, publicada nas *Notícias Diárias* do dia 13 de março e de Marcos Alberto Sant'Anna Bitelli, publicada nas *Notícias Diárias* em 09 de março do sítio www.unisinos.br/ihu. Também leia esta notícia mais detalhada na mesma editoria, em 08 de março.

7 milhões saem da classe média no Brasil

Entre 1980 e 2000, como efeito do pífio crescimento da economia e do ajuste do mercado de trabalho, cerca de 10,1 milhões de trabalhadores de classe média perderam o emprego. Destes, sete milhões não conseguiram mais recuperar o posto e a renda anteriores, deixando de compor a classe média no país. A conclusão é do livro **Classe média. Desenvolvimento e crise**, trabalho dos economistas Marcio Pochmann, Alexandre Guerra, Ricardo Amorim e Ronnie Silva, que será lançado na Bienal Internacional de São Paulo. A notícia é do jornal *O Globo*, 8-3-06.

O estudo, que demorou 16 meses para ficar pronto, traduziu em números o que boa parte dos brasileiros sente no bolso: a classe média empobreceu, perdeu seu antigo padrão de vida e viu evaporar o sonho de ascensão social. Com dados do IBGE, os economistas mostram que em 1980 os assalariados desse estrato social respondiam por 31,7% da População Economicamente Ativa (PEA) ocupada nas regiões urbanas. Após 20 anos, essa participação despencou para 27,1%. "O ajuste do mercado de trabalho se deu, principalmente, nos cargos historicamente de classe média, como gerente de empresa, professor, administrador e cargos da burocracia pública e privada", disse Pochmann. Para mais detalhes confira a página www.unisinos.br/ihu, do dia 08 de março.

2 mil agricultoras destroem viveiro da Aracruz no RS. Protesto contra os "desertos verdes"

Cerca de 2 mil agricultoras ligadas à Via Campesina fizeram uma ação relâmpago em um viveiro de mudas de eucalipto da empresa Aracruz, em Barra do Ribeiro, perto de Porto Alegre na madrugada desta quarta. O protesto visou marcar posição contra as monoculturas de eucalipto no estado, os chamados desertos verdes. Depois da ação, as manifestantes fizeram uma marcha e entregaram à Conferência da FAO um documento de reivindicações. A reportagem é de Verena Glass e publicada pela *Agência Carta Maior*, 8-3-06.

Transportadas por 37 ônibus até a área de viveiros da Aracruz, a mulheres, na noite ainda cerrada, destruíram estufas e bandejas de mudas de eucalipto em uma ação que, em si, não demorou mais de 20 minutos. Ação encerrada, as agricultoras voltaram para Porto Alegre para participar da marcha comemorativa do 8 de março da Via Campesina. Uma discussão do modo da imprensa

noticiar este fato, confira na página do IHU, “notícias diárias”, hoje, dia 13-3-06. Na mesma página, leia a entrevista com Fábio Cruz, professor da Escola de Comunicação da Universidade Católica de Pelotas – UCPel – e que acaba de defender sua tese de doutorado na PUCRS com título *A cultura da mídia no Rio Grande do Sul: o caso MST e Jornal do Almoço*.

Frases da semana

Serra x Alkmin

”Não me lembro de uma operação de escolha de candidato tão desastrosa quanto essa que Fernando Henrique Cardoso e Tasso Jereissati produzem”. - **Janio de Freitas, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 5-3-06.**

A escolha do candidato do Partido da Social Democracia Brasileira virou uma exibição patética. Não é partidariamente legítima, não é democrática e, com tantos almoços e jantares, só é mesmo social. - **Janio de Freitas, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 12-3-06.**

”O Serra é visto por setores do empresariado como uma pessoa que poderia partir para uma visão mais heterodoxa da economia, o que causa insegurança em alguns segmentos empresariais”. - **Ricardo Berzoini, presidente nacional do PT - *Folha de S. Paulo*, 12-3-06.**

PT-PFL- PSDB. O acordão

”Não podemos condenar injustamente inocentes como Luizinho. Vamos absolver o Professor Luizinho, para que ele volte para o seio de sua família”. - **Mussa Demis, deputado federal -PFL-PI - *Estado de S. Paulo*, 9-3-06.**

”Está na cara que fizeram uma aliança para absolver todo mundo”. - **João Batista Araújo, o Babá, deputado federal pelo PSOL-PA - *Estado de S. Paulo*, 9-3-06.**

”Esse resultado deixa claro que fica caracterizado o acordão”. - **Júlio Delgado, deputado federal pelo PSB-MG - *O Globo*, 9-3-06.**

”PT e PSDB são as torres gêmeas da ordem burguesa brasileira”. - **Luiz Werneck Vianna, cientista político, autor do livro, recém-lançado *Esquerda Brasileira e Tradição Republicana - Folha de S. Paulo*, 12-3-06.**

EUA e a caixa de Pandora

”Abrimos a caixa de Pandora, e a questão agora é como sair dessa”. - **Zalmay Khalilzad, embaixador dos EUA em Bagdá, admitindo o fracasso da guerra dos EUA no Iraque - *Folha de S. Paulo*, 9-3-06.**

A enrascada do Exército

”O Exército se meteu numa enrascada no Rio. Falhou ao guardar os próprios fuzis, faz uma operação que parece mais atabalhoada do que organizada e vai cair numa armadilha: se der certo, engrossará o coro dos que defendem as tropas na rua, o que os próprios militares não querem; se der errado, sairá desmoralizado”. - **Plínio Fraga, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 9-3-06.**

”Terra estrangeira: isso são os morros do Rio de Janeiro sob a ótica compartilhada por Lula da Silva,

o chefe das Forças Armadas, e Rosinha Garotinho, a chefe da Polícia Militar estadual”. - **Demétrio Magnoli, geógrafo - *Folha de S. Paulo*, 9-3-06.**

”Na terra estrangeira, não há direitos, segurança ou delegacias de polícia, mas sobram ‘invasões’. Todo mundo é suspeito. No morro da Mangueira, o canhão de um tanque apontava para a comunidade. No da Providência, soldados vasculhavam indiscriminadamente as casas das vielas, revistando até as crianças. Os chefes das bocas já têm novos ‘soldados’”. - **Demétrio Magnoli, geógrafo - *Folha de S. Paulo*, 9-3-06.**

Aracruz Celulose e as mulheres

“Como coordenador da Equipe de Pastoral da Ecologia, da CNBB Regional, sinto-me orgulhosíssimo pelo FEITO sensacional das mulheres camponesas, em seu dia internacional”. - **Antonio Cechin, irmão marista, 10-3-06.**

IHU em revista

eventos pg. 50

ihu repórter pg. 66

EVENTOS

Jesus no Cinema

“O filme é mais uma leitura hermenêutica possível para compreender o sentido da pessoa de Jesus com base das circunstâncias da juventude da década de 1960-1970”. A afirmação é do Prof. Dr. Castor Bartolomé Ruiz em entrevista por e-mail à *IHU On-Line* a respeito do filme *Jesus Cristo SuperStar*, de Norman Jewison, a ser apresentado neste sábado, 18 de março, das 8h30min às 12h, na Sala 1G119 do Instituto Humanitas Unisinos - IHU.

A atividade faz parte da série *Jesus no Cinema*, dentro do evento *Páscoa 2006. Cultura, arte e esperança*.

Castor leciona na graduação e no programa de pós-graduação em Filosofia da Unisinos. É doutor em Filosofia pela universidade de Deusto, com dissertação intitulada *O poder do imaginário: a força transformadora e o poder instituinte do simbólico*, de 2000. cursou mestrado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde defendeu a dissertação *A Construção do Imaginário Social das CEBs*, em 1995. Castor possui, ainda, especialização em Teologia Bíblica, pela Faculdade Nossa Senhora da Assunção, e História do Brasil República, pelas Faculdades Ipiranga, F.A.I. Graduou-se em Filosofia e Letras pela Universidad del Pais Vasco (Espanha), Aptitude Pedagógica, pela Universidade de La Rioja, Filosofia pelas Faculdades Ipiranga e Universidade de Comillas, onde também cursou Teologia. Entre suas publicações, destacam-se: *El poder de los desposeídos*. Madri: Nueva Utopia, 2000; *Os Paradoxos do Imaginário*. São Leopoldo: Unisinos, 2003; e *Os Labirintos do Poder. O poder (do) simbólico e os modos de subjetivação*. Porto Alegre: Escritos, 2004, e o recém lançado *As Encruzilhadas do Humanismo - A subjetividade e a alteridade ante os dilemas do poder ético*. Petrópolis: Vozes, 2006. Ministrou os seguintes eventos no IHU: *Encontros de Ética*, em 20 de outubro de 2003, sobre *Questionamentos da prática e ética do modelo liberal de liberdade; Sala de Leitura*, em 28 de outubro de 2003 sobre seu livro *Os Paradoxos do Imaginário; Encontros de Ética*, em 17 de abril de 2004, sobre *É possível ser ético hoje? Como?; Sala de Leitura*, em 14 de setembro de 2004, sobre seu livro *Os Labirintos do Poder. O poder (do) simbólico e os modos de subjetivação* e *Painel Religiões*, em 15 de

março de 2005, palestra sobre *Cultura da tolerância*. Concedeu entrevistas à *IHU On-Line* nas edições nº 81, de 27 de outubro de 2003, nº 115, de 13 de setembro de 2004, e no nº 133, de 21 de março de 2005.

Um Jesus próximo da juventude

Entrevista com Castor Ruiz

***IHU On-Line* - Qual é o sentido do adjetivo "superstar" do filme de Norman Jewison, a respeito de Jesus Cristo?**

Castor Ruiz - Jesus é o personagem por excelência que supera sua própria historicidade. Na pessoa de Jesus o mais importante não é enumerar fatos objetivos de sua vida, algo que se pode fazer de qualquer personagem histórico, mas compreender o sentido pleno dele, de suas palavras e atos. Porém o paradoxo se dá em que não há um sentido único e fechado que limite o sentido da pessoa de Jesus, daí que cada momento histórico, cada sociedade e inclusive cada pessoa tenha que se posicionar de forma muito particular, não sobre a veracidade histórica da vida de Jesus, mas sobre o seu sentido.

"Superstar" é um dos sentidos pelo qual ainda não tinha sido compreendida a pessoa de Jesus. O paradoxo do "Superstar" de Jesus é que contradiz todas as "super-estrelas" de nossa mídia, pois o sentido do "superstar" finaliza no aparente fracasso histórico da cruz. Contudo a intenção do filme é fazer uma releitura da pessoa de Jesus com base em um tipo de "superstar" não-convencional e mais próximo dos grupos alternativos da revolução jovem que aconteceu pela década de 1970.

***IHU On-Line* - Como Judas Escariotes retrata Jesus nessa produção?**

Castor Ruiz - Judas é um dos personagens da vida de Jesus que ficou estereotipado de forma muito superficial como paradigma do mal. Provavelmente Judas, historicamente, não era esse estereótipo convencional. Judas aparece mais como o personagem da dúvida, da tentação. Trair Jesus, para ele, não é um ato de prazer, mas algo necessário para provocar o levantamento popular que, talvez na opinião do grupo dos sicários ao qual pertencia Judas, levaria Jesus a ser o chefe político dos judeus. Judas talvez seja um traidor traído. Ele traiu Jesus, talvez, na expectativa de que sua prisão provocasse um levante popular que evitaria sua morte. Judas se sentiu traído ao perceber que ninguém, nem sequer o grupo mais achegado de seus discípulos, fez uma postura pública para libertá-lo. Se vemos Judas como o traidor traído entenderemos melhor por que poucas horas depois de entregar Jesus com toda a frieza racional, o remorso da sua consciência é tão insuportável que o leva ao suicídio.

***IHU On-Line* - De que forma podemos interpretar a última cena do filme, quando a sombra de um homem andando ao longo do horizonte metaforiza a ressurreição de Jesus?**

Castor Ruiz - Se o Jesus histórico deve ser sempre interpretado para captar o sentido de sua historicidade, o Jesus ressuscitado muito mais. Com a peculiaridade que Jesus ressuscitado,

assim com Deus, não pode ser captado nem compreendido pelas categorias da historicidade. Ele se manifesta como experiência de fé. A sombra deixa em aberto a morte de Jesus, ou seja, anuncia a possibilidade da experiência do encontro com o ressuscitado, que agora não mais será pela visibilidade empírica.

IHU On-Line - Os roqueiros cultuam a trilha sonora da peça, e não do filme, porque Ian Gillan, da banda Deep Purple, interpreta Jesus. Podemos afirmar que esse tipo de abordagem pop busca desmitificar Jesus e torná-lo mais próximo à juventude?

Castor Ruiz - Como indicava anteriormente, entendo que um dos objetivos do filme foi fazer uma interpretação da pessoa de Jesus com base em grupos considerados periféricos na década de 1970: jovens, hippies, etc., e estabelecer pontes de sentido entre a pessoa e a mensagem do Jesus e as circunstâncias históricas da juventude crítica. O filme representa uma apropriação de sentido, uma aproximação de significado, do Jesus histórico à historicidade contemporânea desses grupos.

IHU On-Line - Não há uma preocupação do filme em recriar época, mas transferir a história para um momento atemporal. Essa tentativa de contar uma história conhecidíssima de outro modo continua atual para nós, homens e mulheres do século XXI?

Castor Ruiz - Diria mais, o ser humano é essencialmente hermenêutico. Isso significa que não existe para nós a mera historicidade objetiva dos fatos, senão que estes sempre são interpretados por nós de tal forma que lhes damos um sentido ao qual lhes conferimos relevância ou insignificância, qualificando-os como bons ou maus, importantes ou absurdos, etc. A condição

hermenêutica do ser humano se manifesta em toda a sua potencialidade quando confrontada com a pessoa de Jesus, pois essa relação sempre se constrói com base no sentido que cada um de nós ou todo um grupo social dá para Jesus e os acontecimentos históricos de sua vida. O filme é mais uma leitura hermenêutica possível para compreender o sentido da pessoa de Jesus com base nas circunstâncias da juventude da década de 1960-70.

IHU On-Line - A figura de Cristo é mostrada como um adolescente que tinha defeitos morais e em nada se parece com o Cristo que o cinema e a tradição demonstram. Além disso, há influência do movimento hippie no personagem, fazendo do filme uma espécie de Woodstock²² bíblico. Como podemos entender essa aproximação?

Castor Ruiz - Sem dúvida, a filme se insere na tendência teológica e cultural da segunda metade do século XX de valorar o Jesus histórico antes de sua dimensão teológica. Podemos dizer que ele corre em paralelo com toda a teologia da encarnação que procurava compreender Deus com base desse mesmo Jesus histórico. Uma das principais características do Deus bíblico é que ele se manifesta sempre na história, ou seja, na contingência dos fatos cotidianos e na finitude das pessoas

²² **Woodstock:** O *Festival de Música e Artes de Woodstock* foi o mais importante festival de *rock and roll* de sua época. Foi realizado em uma fazenda em Bethel, Nova Iorque, durante os dias 15, 16 e 17 de agosto de 1969 e, embora tenha sido projetado para 50 mil pessoas, mais de 400 mil compareceram, a maioria das quais não pagou o ingresso. Todo o evento provocou uma grande balbúrdia, com rodovias congestionadas e Bethel sendo ocasionalmente considerada "área de calamidade pública". O Festival de Woodstock representou um marco no movimento de contracultura dos anos 1960, e foi o auge da era hippie. (Nota da *IHU On-Line*)

concretas. O Jesus “superstar” espelha com bastante clareza esta teologia e até a tendência de um cristianismo que almejava superar as barreiras culturais que apresentavam a Jesus e a Deus muito distante do mundo.

IHU On-Line - É correto entender sua figura como a de um *outsider* bíblico? Como ele contrasta com as imagens do Jesus de sofrimento, tão próprias da Semana Santa?

Castor Ruiz - Em primeiro lugar gostaria de questionar a segunda questão que já passou a ser uma afirmação tradicional, a de que a semana santa destaca o sofrimento de Jesus e até, em muitos casos, um sentido da cruz muito próximo ao sadomasoquismo. Eu diria que essa foi de fato uma leitura que predominou durante séculos. Penso, porém, que essa interpretação está sendo rapidamente apagada do imaginário social contemporâneo. Atrevo-me a dizer que nossa sociedade de consumo hedonista estabeleceu a sofrimento humano e a morte como novos tabus, por isso, talvez, a semana santa passou a ser um período de férias, de lazer, descanso ou até de

segundo Carnaval. Da perspectiva social, os grupos de cristãos que tentam celebrar o sentido da morte e ressurreição de Jesus, se sentem lutando contra uma corrente que, a cada ano, tende, mais e mais, a esvaziar o seu sentido, ignorando-o e substituindo-o pela nova liturgia das férias curtas para aproveitar melhor a vida.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Castor Ruiz - Gostaria de mencionar a figura de Madalena e do grupo de mulheres que acompanharam Jesus. É o lado feminino do filme e da pessoa de Jesus. Neste ponto, o filme foge dos escândalos grosseiros e de propaganda barata que outras versões quiseram fazer, apresentando um relacionamento muito humano, maduro, de uma amizade sensível e interpeladora. Essa presença redimensiona e resgata o valor que as mulheres tiveram no grupo de Jesus e como elas estiveram presentes de forma muito relevante e significativa nos acontecimentos de sua vida, desde as bodas de Canaã até a cruz e a ressurreição.

IV Ciclo de Estudos sobre o Brasil: Intérpretes do Brasil

Porque me ufano de meu país, de Affonso Celso, em debate

Em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**, a Prof.^a Dr.^a Eliane Fleck, disse que, conforme a idéia de Affonso Celso de Assis Figueiredo Filho no livro *Porque me ufano de meu país*, o brasileiro “devia ufanar-se por morar em um país privilegiado, dom da providência, superior a todos os outros, segunda potência do novo mundo e primeira da América do Sul. O que não tínhamos, poderíamos conquistar,

transformando-nos eventualmente em primeira potência. Afonso Celso não descuidou, no entanto, de alertar para dois grandes perigos que espreitariam o Brasil: “maus governos e instituições incompatíveis com sua índole”. Analisando esse livro clássico sobre nosso país, a historiadora adianta alguns aspectos que discutirá em 16 de março no *IV Ciclo de Estudos sobre o Brasil: Intérpretes do Brasil*, das 19h45min às 22 na Sala 1G119 do IHU.

Graduada e mestre em História pela Unisinos, a professora Eliane teve sua dissertação de mestrado intitulada *O imaginário dos séculos XVI e XVII - suas manifestações e alterações na prática missionária jesuítica*. Obteve o doutorado em História pela PUCRS, tendo sua tese o título *Sentir, adoecer e morrer - sensibilidade e devoção no discurso missionário jesuítico do século XVII*.

Apresentou, no *IHU Idéias* de 22 de agosto de 2002, o tema *O homem cordial: Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, e no dia 8 de maio de 2003, falou sobre essa mesma obra no Ciclo de Estudos sobre o Brasil, concedendo, nessa oportunidade, entrevista à *IHU On-Line*, publicada na edição n.º 58, de 5 de maio de 2003. Ela também colaborou na edição n.º 64, de 16 de junho de 2003, num depoimento sobre a importância da obra de Raymundo Faoro. Na edição 94, de 29 de março de 2004, ela falou à *IHU On-line* sobre o II Ciclo de Estudos sobre o Brasil, quando apresentou o livro *O abolicionismo*, de Joaquim Nabuco.

Porque me ufano de meu país, de Afonso Celso

Entrevista com Eliane Fleck

***IHU On-Line* - A obra, cuja primeira edição saiu em 1901, vendeu, na época, 300 mil exemplares, sendo considerada o primeiro *best-seller* da história editorial brasileira e um clássico da literatura ensaísta nacional. A que se credita tamanha popularidade da obra?**

Eliane Fleck - A intenção de Afonso Celso se insere em um momento de exaltação da nação brasileira que marca parte da produção intelectual da Primeira

República, em constante busca ou afirmação de uma identidade nacional. A obra, por sua vez, por fazer a apologia do País, do futuro, do progresso, da ordem, da ausência de conflitos e da miscigenação vem ao encontro desse esforço de políticos e intelectuais não somente nos primeiros anos da República, mas em outros momentos da história política brasileira recente, nos quais o discurso nacionalista esteve em evidência, visando ao desenvolvimento do

sentimento patriótico e da utopia da grande potência brasileira.

IHU On-Line - Qual a contribuição da obra "Porque me ufano do meu país", de Afonso Celso, para a construção de um retrato do Brasil no início do século XX?

Eliane Fleck - Por ocasião do quarto centenário da chegada dos portugueses ao Brasil, foram planejadas várias atividades e espetáculos que alimentassem esperanças otimistas, com imagens de progresso e harmonia a despeito da frustração dos sonhos republicanos mais radicais. O espetáculo nacionalista-ufanista tentava neutralizar dissidências, agitações sociais, tudo o que resistisse a uma modernização autoritária e violenta. Como programa das comemorações, foram propostas a reprodução histórica da primeira missa, uma exposição nacional, publicações, uma ópera nacional comemorativa, a construção de monumentos, espetáculos gratuitos e fogos de artifício. É nessa atmosfera - de diversão, euforia e deslumbramento - incentivada pela Comissão Organizadora, que Afonso Celso publica, em 1901, pela editora Laemmert, *Porque me ufano do meu país*, que vendeu 300 mil exemplares na época. A décima edição, de 1926, teve o texto revisto e atualizado e uma tiragem de 10 mil exemplares, o que permite verificar o grande sucesso da obra 25 anos depois. O livro teve inúmeras traduções, para o francês, o alemão, o inglês e o italiano. O livro, dedicado aos filhos, visava a despertar em toda a juventude brasileira um ilimitado amor à pátria, afirmando que não se deve amá-la somente por ser pátria, mas também pelos motivos reais que ela nos dá para que dela nos orgulhemos. O objetivo central era de mostrar aos brasileiros, a grandeza dessa nação no início do século

XX. Na Apresentação do livro, Afonso Celso afirma:

"Para quem e porque foi composto este opúsculo

As páginas que aí vão - escrevi-as para vós, meus filhos, ao celebrar a nossa Pátria o quarto centenário do seu descobrimento. Sorri-me a esperança de que encontrareis prazer e proveito. Consiste a minha primordial ambição e me vos dar exemplos e conselhos que vos façam úteis à vossa família, à vossa nação e à vossa espécie, tornando-vos fortes, bons e felizes. Se de meus ensinamentos colherdes algum furto, descansarei satisfeito de haver cumprido a minha missão. Entre esses ensinamentos, avulta o do patriotismo. Quero que consagreis sempre ilimitado amor à região onde nascestes, servindo-a com dedicação absoluta, destinando-lhe o melhor da vossa inteligência, os primores de vosso sentimento, o mais fecundo da vossa atividade - dispostos a quaisquer sacrifícios por ela, inclusive o da vida [...]".

IHU On-Line - Que tipo de abordagem do Brasil o autor faz neste livro publicado no início do século XX?

Eliane Fleck - Nele o autor se diz tomado pela responsabilidade ou pela missão de transmitir ensinamentos visando à formação de valores, particularmente o do amor à pátria, suscitando nos leitores a disposição de dar, pela pátria, a própria vida. A obra está dividida em 42 capítulos, nos quais o Brasil é apresentado como o país perfeito, repleto de grandezas naturais que proporcionavam absolutamente tudo à sua população, que constituía, por sua vez, o melhor povo de todo o mundo: tinha os melhores tipos humanos. Movido pelo patriotismo, o autor descreve alguns motivos para que nos ufanemos de nosso país, reunindo-os em onze pontos, que

justificam o orgulho que sente do Brasil: a grandeza territorial, a beleza natural, a riqueza, o clima, a ausência de calamidades, a excelência dos elementos que entraram na formação nacional, as qualidades de seu povo (independente, hospitaleiro, ordeiro, paciente, doce, obediente, caridoso, acessível, tolerante e honrado), o fato de o país não ter sido humilhado com derrotas, a cordialidade, as glórias e a história. No capítulo 40, o autor faz um resumo das grandezas do Brasil, em que evidencia o espírito otimista e entusiástico que o anima a provar que ser brasileiro significa distinção e vantagem, incitando o leitor a propagá-lo, cultivá-lo e engrandecer o amor pelo país.

O brasileiro, segundo o Conde, devia ufanar-se por morar em um país privilegiado, dom da providência, superior a todos os outros, segunda potência do novo mundo e primeira da América do Sul. O que não tínhamos, poderíamos conquistar, transformando-nos eventualmente em primeira potência.

Alerta para os grandes perigos que espreitariam o país

Afonso Celso não descuida, no entanto, de alertar para dois grandes perigos que espreitariam o Brasil: “maus governos e instituições incompatíveis com sua índole”.

Cabe lembrar que, no caso da grandeza territorial, Afonso Celso acompanha o IHGB na defesa do princípio da nacionalidade baseado na extensão territorial. Devemos lembrar também que, em um dos capítulos, Afonso Celso procura desmistificar totalmente a idéia de que o Brasil foi colonizado por ladrões, prostitutas e degredados, afirmando que a origem humilde e a natureza desses indivíduos eram insuficientes para comprometer a grandeza que o Brasil apresentava. Os cinco primeiros motivos retomavam a

tradição edênica, inaugurada por Pedro Álvares Cabral, continuada por outros cronistas como o autor dos *Diálogos das Grandezas do Brasil* e mantida até hoje. O conde conhecia essa literatura enaltecadora do paraíso terreal, mencionando-a inclusive em seus argumentos. Os outros têm a ver com o caráter do povo, as relações cavalheirescas e generosas com os outros países e a história do País.

IHU On-Line - Porque me ufano do meu país pode ser considerado um marco do movimento nacionalista brasileiro? A que se atribuem as reinvenções do ufanismo?

Eliane Fleck - Como bem apontado por Maria Helena Machado (*Um mitógrafo no Império: a construção dos mitos da história nacionalista do século XIX*, de 1998), nem todos os escritores, intelectuais e pensadores do Império salvaram-se do descarte imposto pelo tempo. Muito pelo contrário, a maioria deles suportou mal a passagem do tempo e a superação dos modismos, sendo lidos hoje muito mais como fontes históricas do que como obras de interesse do assunto a que se referem. No entanto, é muitas vezes no círculo dos autores menos notáveis, ou de menor gabarito que se encontram idéias e formulações que, por um motivo ou outro, se enraizaram no pensamento popular, abriram espaço no rol das certezas estabelecidas, sobrevivendo assim num plano diferente daquele em que seu autor as havia concebido originalmente.

Os construtores dos mitos da nacionalidade

O período de transição do Império para a República foi tão fértil em termos da discussão do perfil da nação, da nacionalidade e de seu povo, que uma série de concepções bastante oportunistas acabaram por estabelecer

as certezas da história pátria, ufanista e laudatória, como ainda hoje podemos encontrar nos manuais de história do nosso secundário. Expressões como “minha terra tem palmeiras” e personagens como Ceci e Peri, Princesa Isabel com sua pena de ouro, índio bom – tupi – e índio ruim – tapuia, negros bondosos e fiéis aos seus senhores, além de paisagens capazes de colocar boquiaberto qualquer naturalista estrangeiro, derivam dessas concepções. Repassando pela memória algumas destas imagens, ainda tão presentes no imaginário popular a respeito do caráter brasileiro, poder-se-ia reconstituir todo um aspecto do processo de formação nacional. Os autores dessas imagens nacionais desempenharam um papel importante como construtores dos mitos da nacionalidade, tornando-se, assim, os nossos mitógrafos.

Autores como Marilena Chauí²³ e José Murilo de Carvalho²⁴ destacam que o motivo edênico habita a imaginação nacional desde os primórdios da presença europeia no Brasil,

²³ **Marilena de Souza Chauí:** filósofa e professora de Filosofia Política e História da Filosofia Moderna da Faculdade de Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH). Escreveu inúmeros livros, entre eles *Da Realidade sem Mistérios ao Mistério do Mundo, Brasil: Mito Fundador e Sociedade Autoritária, Professoras na Cozinha, Introdução à História da Filosofia e Política em Espinosa*. É reconhecida não só pela sua produção acadêmica, mas pela participação efetiva no contexto do pensamento e da política brasileira. Já foi secretária municipal da Cultura na cidade de São Paulo, durante o mandato da ex-prefeita Erundina (1988-1992). (Nota da *IHU On-Line*)

²⁴ **José Murilo de Carvalho:** professor titular do departamento de história da Universidade Federal do Rio de Janeiro, autor de *Cidadania no Brasil – o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. A edição 96 da *IHU On-Line*, em 12 de abril de 2004, publicou a entrevista exclusiva *1964 visto por um araponga*, concedida por Carvalho. O sítio do IHU, www.unisinos.br/ihu publicou duas matérias com José Murilo de Carvalho, em 1º e 8 de agosto de 2005. (Nota da *IHU On-Line*)

encontrando-se presente nos registros dos cronistas do século XVI. A visão do país como natureza, no entanto, se cristalizou definitivamente no ufanismo de Afonso Celso que sistematizou, de forma didática, as razões de orgulho nacional baseadas nas belezas e riquezas naturais. Surpreendente, contudo, é a constatação de que nos dias atuais o motivo edênico mantém sua vitalidade, permitindo a reinvenção constante do otimismo. Entra ano e sai ano, o brasileiro segue fazendo coro ao título deste livro lançado há mais de um século: “*o Brasil é abençoado por Deus e bonito por natureza*”, um país em “*que em se plantando tudo dá*”. Além das possíveis razões para a persistência do motivo edênico, como as relacionadas com educação, religião e hino nacional, podemos imaginar ainda razões mais duradouras de natureza histórica e cultural. Cabe-nos, no entanto, perguntar se o predomínio edênico não teria a ver com a ausência de outras razões de orgulho. A ausência mais óbvia, segundo José Murilo de Carvalho, seria a da inadequação do elemento humano que habita o país. A esta inadequação Carvalho denomina – por oposição à razão edênica –, e com algum exagero, de razão satânica.

***IHU On-Line* - O título deste livro foi um tanto quanto polêmico à época de seu lançamento, tornando a expressão “ufanismo” bastante popular. Por quê?**

Eliane Fleck - A polêmica – se assim podemos denominar a reação que a publicação da obra provocou – não deve ser vinculada exclusivamente à postura ufanista, mas também à postura crítica adotada por seu autor em relação à República e ao seu apoio às figuras da Monarquia brasileira. O debate sobre a identidade nacional ocupava um lugar privilegiado nas discussões em curso no Brasil da virada do século XIX para o XX,

influenciadas, em grande medida, pelas expedições científicas empreendidas ao interior do Brasil e pelos diagnósticos feitos por médicos e sanitaristas. Dentre as constatações estavam a de que o País não constituía uma nação e a de que o povo brasileiro não nutria qualquer sentimento de nacionalidade. É nesse contexto que Afonso Celso produziu um retrato otimista e de exaltação do País, contrapondo-se à representação fatalista inspirada nas teses de inferioridade racial e que ficou plenamente evidenciado no título dado à obra.

O verbo ufanar-se significa ter ufanía, jactar-se, vangloriar-se. Ufanía é o estado ou qualidade de ufano, vaidade exacerbada, jactância, orgulho que representa uma atitude ou sentimentos adotados por aqueles que se vangloriam exageradamente. O termo ufanista deriva de ufanar-se e é o qualificativo aplicado a todos os que valorizam os atributos naturais do Brasil, sem se preocupar com seus problemas políticos e sociais. Credita-se uma postura ufanista àqueles que, inspirando-se no livro do conde Afonso Celso intitulado *Porque me ufano do meu país*, filiam-se às correntes nacionalistas, esboçadas no início do século XX, que destacavam as belezas naturais, a ausência de calamidades e as qualidades das três raças formadoras do Brasil.

IHU On-Line - Durante anos, Porque me ufano do meu país foi livro de leitura obrigatória nas escolas. Hoje, é desaconselhado por especialistas. Em que momento essa obra deixou de ser necessária e por quê?

Eliane Fleck - A obra *Porque me ufano do meu país* foi durante muito tempo leitura obrigatória nas escolas secundárias brasileiras, transformando-se em uma verdadeira cartilha de nacionalidade, um pequeno manual de educação cívica, adequando-se ao projeto

pedagógico republicano que visava à formação de um novo homem para o novo regime. Nesse período, a educação moral e cívica e religiosa tornou-se o eixo das preocupações dos republicanos que almejavam regenerar País, manter a ordem social e fortalecer o caráter nacional. Entre os que defendiam uma educação nacional como solução para a “pobreza do nosso sentimento nacional”, estavam os que defendiam a generalização da educação cívica em toda a instrução dada na escola e a educação moral e física indispensáveis para a formação da cultura moral e intelectual dos cidadãos brasileiros. É neste contexto – ocaso do Império e primeiras décadas da República brasileira, momentos de significativa confluência de tendências, idéias e propostas políticas e sociais – que se situa a contribuição de Afonso Celso que destacava a brasilidade e o patriotismo.

As obras *Através do Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2000, de Olavo Bilac²⁵ e Manoel Bomfim (1910) e *Saudade*. São Paulo: Melhoramentos, de Thales de Andrade (1917), viriam filiar-se aos objetivos do projeto pedagógico republicano que visava a dar destaque à brasilidade e ao patriotismo. Se essas obras acentuavam uma visão positiva do Brasil, outras se caracterizariam pela visão negativa e por reagir deliberadamente e criticamente contra o ufanismo difundido pela obra de Afonso Celso, tais como *História do Brasil pelo método confuso*. 3. ed. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1921, de Fradique Mendes

²⁵ **Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac (1865-1918)**: jornalista, poeta brasileiro e membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Criou a Cadeira nº. 15. Imortalizou-se como poeta, considerado o Príncipe dos Poetas Brasileiros, e com Alberto de Oliveira e Raimundo Correia, foi a maior liderança e expressão do Parnasianismo no Brasil. De seus escritos, destacam-se *Crônicas e novelas* e *Através do Brasil*.

(1922) e *Retrato do Brasil*. 6.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962, de Paulo Prado (1928). Apesar das críticas ao exagerado e ingênuo ufanismo, muitos políticos e intelectuais acreditaram que o livro supriu um vazio na literatura nacional e que o autor forjou uma terminologia referente a uma atitude mental “contra um certo descaso pelo que era da terra, uma certa admiração única pelo que vinha de fora, que infelizmente ia lavrando entre nós, quando explicado não fosse pelo nobre transporte do amor à Pátria, amor que ninguém mais alto cultivou [...]”. (Valadão, A. *Vultos Nacionais*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1955, p. 49).

A reinvenção do ufanismo durante o Estado Novo

Durante o Estado Novo, que tinha como referência o patriotismo e a educação como estratégia para implementá-lo, o ufanismo viria a ser reinventado, por meio da difusão de imagens de harmonia social e de exaltação da beleza da natureza brasileira. Em comum com o discurso de Afonso Celso, encontramos os conceitos de Pátria e Território, a defesa dos interesses nacionais e a manutenção dos limites territoriais do País, a demonstração da grandeza do País, simbolizada na profusão de suas matas, rios e demais aspectos do meio natural brasileiro. Este nacionalismo autoritário e conservador foi, contudo, alvo de críticas desmoralizadoras que o rotularam de otimismo patrioteiro e o acusaram de apresentar uma ótica deformante do Brasil.

À medida que o conceito nacionalismo-ufanismo passou a ser associado ao de conservadorismo político, social e cultural, de sentimento antipopular e de simpatia pelas soluções do autoritarismo de direita, seus toques de xenofobia, patriotada e saudosismo produziram uma significativa alteração no patriotismo

eufórico e ingênuo, lançado por Afonso Celso no início do século XX. Esta rejeição ao termo ufanismo não impede, contudo, que ele apresente várias nuances, estando fortemente arraigado na nossa cultura e na nossa sociedade, como comprovam as estatísticas mais recentes que revelam que 85% dos entrevistados sentem orgulho de ser brasileiro, que 61% acham o Brasil um país ótimo ou bom para viver e 72% acham o Brasil muito importante no cenário mundial.

IHU On-Line - O ufanismo proposto e defendido por Afonso Celso é ingênuo demais para um Brasil que sofre com altos índices de pobreza, violência e desrespeita o meio ambiente?

Eliane Fleck - Esta ingenuidade atribuída ao ufanismo presente na obra de Afonso Celso se deve ao fato de o autor não ter feito referência às mazelas que afligiam o Brasil: analfabetismo, epidemias, catástrofes e escravidão. O quadro trágico da realidade nacional é nuançado, como fica evidenciado nesse trecho em que o autor afirma: “em que ponto do globo, em que página da história se registra uma revolução social, econômica e política desta magnitude e alcance, executada de maneira tão nobre?” Quanto ao futuro, o autor é de um otimismo exaltado e excessivo: “viveremos, cresceremos, prosperaremos. A educação, o aperfeiçoamento, hão de vir. Somos ainda uma aurora. Chegaremos necessariamente ao brilho e ao calor do meio dia”.

Mais recentemente, a obra de Afonso Celso foi mote para Millor Fernandes²⁶ fazer as peças *Um elefante no caso*, *Jornal do Brasil* e *Porque me ufano do meu país*.

²⁶ **Millôr Fernandes**: desenhista, humorista, dramaturgo, escritor e tradutor brasileiro. Em 1968, começa a trabalhar na revista *Veja*, e, em 1969, torna-se um dos fundadores do jornal *O Pasquim*. (Nota da *IHU On-Line*)

Premiada em 1960 pela Associação Brasileira de Críticos Teatrais, esta última peça foi censurada pelo regime militar em 1971. Em 1998, Diogo Mainardi²⁷ produziu o livro *Contra o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, que faz uma desconstrução dessa história otimista, idealizada e idealista do Brasil apresentada por Afonso Celso. Essa postura crítica é reforçada por opiniões expressas por historiadores como José Murilo de Carvalho, para quem o termo ufanismo denota um patriotismo acrítico, ingênuo e incondicional. Segundo ele:

"[...] o século 20 já começou com o livro *Porque me ufano do meu país*, do conde de Afonso Celso, que era uma tolice total. Dizia que no Brasil, mal saído da escravidão, havia mais liberdade que em qualquer outro lugar do mundo. Que com a abolição os negros estavam incorporados à sociedade brasileira em pé de igualdade com os brancos. Que o Brasil sempre teve uma atitude cordial em relação aos outros países [...] Na persistência desses mitos, o que me surpreende é a sua inocuidade, o auto-engano que está embutido neles. A crença de que temos uma natureza edênica não produziu sequer o cuidado de preservá-la. Ao contrário, levou os brasileiros a usá-la por cinco séculos de maneira

²⁷ **Diogo Mainardi (1962):** escritor brasileiro, colunista da revista *Veja*. Produz críticas ácidas à sociedade brasileira e à esquerda. Controverso, vêm ganhando muito destaque nos meios de comunicação, sempre causando polêmica. Atualmente também é membro do programa dominical Manhattan Connection, da GNT, transmitido no Brasil e em Portugal. O alvo principal de suas críticas são os políticos em geral, não só os brasileiros. Muitas de suas críticas já foram direcionadas, por exemplo, a Berlusconi, o atual primeiro-ministro italiano. Mainardi é ateu e, como já declarou ser, muitas críticas suas vão de encontro à religião e o miticismo em geral. Como escritor, Mainardi publicou *Malthus*, *Arquipélago*, *Polígono das Secas*, *Contra o Brasil* e *A tapas e pontapés*, este último uma coletânea das suas colunas na revista *Veja*. (Nota da *IHU On-Line*)

predatória". (Entrevista a Marcos Sá Corrêa, *Revista Época* on line, 1999)

***IHU On-Line* - Que concepção de História o autor traz neste livro publicado no início do século XX?**

Eliane Fleck - Salvo uma singela referência a uma afirmação atribuída a Voltaire²⁸, Afonso Celso não faz qualquer menção que ofereça alguma indicação segura sobre autores ou obras que estariam informando suas narrativas. Suas concepções de história aparecem com maior nitidez nos pronunciamentos realizados no IHGB. Seus discursos se caracterizam por recorrentes invocações à Providência. Em momento algum, questiona os desígnios de Deus, postura que sugere sua orientação pela chamada escola católica de história. Na retórica de Afonso Celso, a razão aparece subordinada à crença em Deus, o que lhe possibilita identificar com maior clareza os traços contínuos da vontade divina. Na sua percepção, a história se desenrolaria de maneira linear, seguindo uma lei de desenvolvimento geral. O conde Afonso Celso acreditava que Deus se vale dos homens para corrigir os erros dos próprios homens, servindo-se da punição expiatória para salvar a humanidade. Convertido no motor da história, Deus passa a ser constantemente nomeado, invocado e evocado em todas as suas reflexões e discursos que se constituem qual uma sucessão de orações e de profissões de fé. Em *Porque me ufano do meu país*, Afonso Celso nos oferece alguns vestígios de suas idéias sobre história:

[...] Confiemos [...] Confiemos em nós próprios, confiemos no porvir, confiemos, sobretudo em Deus que não nos

²⁸ **Voltaire (1694-1778):** pseudônimo de François-Marie Arouet, poeta, ensaísta, dramaturgo, filósofo e historiador iluminista francês. Uma de suas obras mais conhecidas é o *Dicionário Filosófico*, escrito em 1764. (Nota da *IHU On-Line*)

outorgaria dádivas tão preciosas para que as desperdiçássemos esterilmente. Deus não nos abandonará. Se aquinhoou o

Brasil de modo especialmente magnânimo, é porque lhe reserva alevantados destinos.

IHU Idéias

Caio Fernando Abreu. Uma síntese da pós-modernidade

Um autor que bradou “contra a acomodação e a mesmice”. Seus escritos são “fruto de uma angústia profunda, que ultrapassa os limites do próprio texto e atinge o leitor. Além disso, há também uma grande melancolia em seus textos, algo como uma sensação de não pertencer a lugar nenhum”. A análise é da Prof.^a Dr.^a Márcia Duarte em entrevista por e-mail à *IHU On-Line*, falando a respeito de Caio Fernando Abreu, escritor gaúcho tema do *IHU Idéias* de 16 de março. Com o título *Caio Fernando Abreu: uma síntese da pós-modernidade*, o evento é gratuito e vai das 17h30min às 19h na Sala 1G119 do Instituto Humanitas Unisinos – IHU. A estudiosa diz, ainda que, dez anos após sua morte, Caio não é um autor muito celebrado, sobretudo “porque o que ele diz em seus textos não é para ser lido de forma banal”.

Márcia é graduada, mestre e doutora em Letras pela UFRGS, com a tese *Os sussurros da sombra: a literatura escrita por mulheres na América Latina como (Sub)Versão da História*. Atualmente, é professora no curso de Letras da Unisinos. Confira a entrevista na íntegra.

Caio Fernando Abreu (1948 - 1996). Ingressou em 1967 no curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que abandonou para dedicar-se ao jornalismo. Como jornalista, trabalhou em alguns dos principais jornais e revistas do Brasil, como *Veja*, *Manchete*, *Correio do Povo*, *Zero Hora*, *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, onde publicou crônicas entre 1986 e 1995. O escritor recebeu vários prêmios, entre eles o Jabuti pelo romance *Triângulo das Águas*. (São Paulo: Siciliano, 1991). Seu livro de contos *Morangos Mofados* (4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983) marcou uma geração ao ser lançado na coleção *Cantadas Literárias*, da Editora Brasiliense, tornando-se um dos maiores sucessos editoriais da

década de 1980. Em suas crônicas, publicadas com maior regularidade nos últimos anos de vida, a morte e a descoberta das coisas simples da vida são assuntos recorrentes. Em setembro de 1994, declarou publicamente em sua crônica semanal que era portador do vírus HIV. Morreu aos 47 anos de complicações causadas pelo vírus.

Biografia extraída do site www.itaucultural.org.br

Caio Fernando Abreu: um autor extemporâneo

Entrevista com Márcia Duarte

IHU On-Line - Por que Caio Fernando Abreu representa uma síntese da pós-modernidade?

Márcia Duarte - Porque sua obra apresenta um aspecto importante: o da fragmentação. Os textos de Caio Fernando Abreu não continham nenhuma aspiração à unidade ou à totalidade, e isso faz dele um escritor amplamente inserido no período que se convencionou chamar de pós-moderno, visto que esse é um período em que todas as certezas estão diluídas e, portanto, o que resta é o fragmento, o instante, a dúvida.

IHU On-Line - Qual é a importância desse autor na literatura brasileira e gaúcha?

Márcia Duarte - Caio F. que se encontra à margem do cânone. A mesma linhagem de Clarice Lispector²⁹, da qual foi sincero

admirador. Tais autores, apesar de constituírem uma significativa parcela da produção literária, não podem ser enquadrados, pois sua obra se encontra muito além daquilo que seu próprio tempo pode compreender.

IHU On-Line - Como aconteceu a recepção de sua obra em nosso país?

Márcia Duarte - O reconhecimento que o autor teve no país, fora alguns prêmios literários, se deve, em grande parte, ao seu trabalho como jornalista. Seus textos foram sempre lidos por um grupo seletivo, mas que reconhecia, em sua obra, a marca da boa literatura. Para o grande público, Caio sempre foi um cronista.

IHU On-Line - Quais são as principais marcas deixadas na obra de Caio pelo período em que viveu na Europa?

existencial, completamente inovadora, quer pelo estilo solto elíptico e fragmentário, reminescente de James Joyce e Virginia Woolf, ainda mais revolucionário. Seu romance mais famoso, embora menos característico quer temática quer estilisticamente, é *A hora da estrela*, o último publicado antes de sua morte. Neste livro, a vida de Macabéa, uma nordestina criada no estado Alagoas e vai morar no Rio de Janeiro, em uma pensão, tendo sua vida descrita por um escritor fictício chamado Rodrigo S.M. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁹ **Clarice Lispector** (1920-1977): escritora nascida na Ucrânia. De família judaica, emigrou para o Brasil quando tinha apenas dois meses de idade. Começou a escrever logo que aprendeu a ler, na cidade de Recife. Em 1944, publicou seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*. A literatura brasileira era nesta altura dominada por uma tendência essencialmente regionalista, com personagens contando a difícil realidade social do País na época. Lispector surpreendeu a crítica com seu romance, quer pela problemática de caráter

Márcia Duarte - Caio era uma pessoa extremamente sensível à atmosfera, àquilo que estava à sua volta. Desse modo, certamente foi influenciado por sua passagem pela Europa. Entretanto, como seu texto é extremamente introspectivo, não há grandes marcas visuais desse período.

IHU On-Line - Em que aspectos podemos dizer que Caio constitui-se em um escritor de vanguarda?

Márcia Duarte - É complexo falar em vanguarda no momento atual, em que tudo aquilo que é novo em pouco tempo se torna ultrapassado, mas a obra de Caio Fernando Abreu tornou possíveis uma série de questionamentos acerca da forma e do conteúdo do texto literário. Tanto no que diz respeito ao texto ficcional, como aos textos confessionais, por exemplo, a carta e a crônica.

IHU On-Line - Caio tinha uma grande angústia em função das diversas realidades que existiam. Você acredita que a literatura que ele produziu é uma expressão desse sentimento?

Márcia Duarte - Sim, a literatura produzida pelo autor gaúcho é fruto de uma angústia profunda, que ultrapassa os limites do próprio texto e atinge o leitor. Além disso, há também uma grande melancolia em seus textos, algo como uma sensação de não pertencer a lugar nenhum. Creio que Caio F., como ele mesmo assinava em algumas de suas cartas, se sentia extremamente inadequado a essa realidade.

IHU On-Line - O Ovo Apunhalado teve três de seus contos censurados na década de 1970. Caio continua sendo um extemporâneo ou hoje ele já pode ser melhor compreendido?

Márcia Duarte - Aqueles que dizem o óbvio nunca são muito compreendidos.

Caio foi um autor que sempre pôs o dedo na ferida de nossa sociedade, que é bastante hipócrita em relação a muitos temas. Assim, não o vejo como um autor muito celebrado, justamente porque o que ele diz em seus textos não é para ser lido de forma banal.

IHU On-Line - Como vida e obra se inter cruzam no caso de Caio Fernando Abreu?

Márcia Duarte - A obra de Caio Fernando Abreu é uma contingência de sua vida. Não acho que é o caso de procurarmos fatos de sua vida nos textos de ficção que ele escreveu, mas ele mesmo, nas crônicas e nas cartas, revela esta fusão entre vida e obra. Muitos de seus textos são fruto de uma busca de compreensão relacionada à vida complexa que ele vivia. No caso de um autor como Caio, não é possível separar de modo claro vida e ficção, até porque ele mesmo se reconhecia como personagem, ou *persona*, criada por ele mesmo.

IHU On-Line - Homossexual assumido, de que forma Caio influencia hoje as pessoas em busca de respeito às suas escolhas sexuais?

Márcia Duarte - Ler a obra do Caio nos faz refletir sobre o modo como nos portamos diante de questões cruciais da vida. A sexualidade é uma dessas questões. Entretanto, há um aprofundamento dessa temática, pois o tratamento dado ao tema não é mistificador, nem pelo encobrimento nem pela *glamourização*. Há, nos textos dele, o predomínio das questões relativas à afetividade, o que nos faz ver cada indivíduo como alguém capaz de sentir dor, prazer, ódio, amor, etc. Logo, passamos a perceber a homossexualidade ou a heterossexualidade, como um aspecto da condição humana. Caio preserva, em seus textos, para o bem e

para o mal, as características de humanização, o que nos faz esquecer os rótulos e encarar suas personagens como seres humanos plenos, ainda que cheios de dúvidas e questionamentos.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto que não questionamos?

Márcia Duarte - Uma das questões mais significativas da obra de Caio Fernando Abreu é a identidade. Seus textos apontam para uma indiferenciação que nos leva a agir como engrenagens de uma máquina. Assim suas personagens se destacam justamente por apresentarem um comportamento desajustado diante

da engrenagem da qual fazem parte. Ao analisarmos sua obra, podemos perceber, então, um componente altamente subversivo, visto que os protagonistas são sempre instigados à não-aceitação de valores, regras e normas pré-estabelecidas. Há, nos textos de Caio Fernando Abreu, um brado terrível contra a acomodação e a mesmice. Contra a assimilação rotineira de modelos pré-fabricados. Assim sendo, a falta de identidade aparente de suas personagens acaba por se transformar em uma identidade mais sólida, pois baseada em elementos intrínsecos, oriundos da individualidade de cada um.

Encontros de Ética

O sofrimento e seus sentidos

O reitor da Escola Superior de Teologia (EST), Lothar Carlos Hoch, é o palestrante do próximo dos *Encontros de Ética*. Hoch, que é graduado em Teologia pela EST, especialista em clínica pastoral pela Seelsorge Institut An Der Kirchlichen Hochschule Bethel, SI, Alemanha, e doutor em Teologia pela Philipps Universität, Alemanha com a tese *Das menschliche Bedürfnis nach Gemeinschaft in der deutschen protestantischen Seelsorgeliteratur von F. Niebergall bis in die Gegenwart*, falará sobre *O sofrimento e seus sentidos*. A atividade, que tem entrada gratuita, vai das 17h30min às 19h, na Sala 1G119 do IHU. Participe!

IHU Idéias – Jesus no Cinema

Linguagem fílmica e imagens de Jesus no Cinema

Em continuidade ao evento *Jesus no Cinema*, promovido pelo IHU dentro da programação *Páscoa 2006. Cultura, arte, esperança*, a Prof^ª. Dr^ª. Miriam Rossini

palestrou, em 9 de março no *IHU Idéias* sobre *Linguagem fílmica e imagens de Jesus no Cinema*. Antecedendo alguns aspectos apresentados nessa oportunidade, Miriam falou à *IHU On-Line* por e-mail. A entrevista pode ser conferida no sítio www.unisinos.br/ihu, edição nº 170 da revista. Confira a seguir a opinião de quem participou do evento.

Ecos do Evento

“Acredito que esse tipo de debate é muito importante hoje em dia, sobretudo dentro de uma universidade. Como temos diversas concepções de Cristo no nosso imaginário, e várias delas influenciadas pelo que o cinema retrata, existe a necessidade de uma discussão séria e crítica a respeito. E o meio acadêmico é o espaço ideal para se fazer essas reflexões. Destaco também que atividades como o *IHU Idéias* aproximam alunos e professores num diálogo mais aberto. Os professores Baldissera e Miriam, em particular, demonstraram muito conhecimento no assunto e disponibilidade para trocar idéias”.

Caio Fernando Flores Coelho, aluno da graduação em História na Unisinos

“Acredito que o cinema é uma ferramenta importante como subsídio para dar aulas e conduzir estudos. Como vivemos numa sociedade imagética, oportunidades como esse debate contribuem para que diminua o número de pessoas que não conseguem interpretar essas imagens. Saber lê-las é fundamental em nossa época. Chamou-me a atenção as diferentes formas com que os cineastas mostram a figura de Jesus: uns privilegiam uma figura mais humanizada, outros a de um Cristo revolucionário”.

Daniel Santos da Cunha, aluno da graduação em História da Unisinos

O Evangelho segundo São Mateus

O filme de Pier Paolo Pasolini, *O Evangelho segundo São Mateus*, filmado em 1964, foi objeto de análise do Prof. Dr. Oneide Bobsin, docente na Escola Superior de Teologia (EST), na manhã de sábado, dia 11 de março. A atividade faz parte do evento *Jesus no Cinema*, dentro da programação *Páscoa 2006. Cultura, arte, esperança*, promovida pelo IHU. Conheça mais detalhes sobre o filme na entrevista que Bobsin concedeu à *IHU On-Line* 170, de 6 de março de 2005, disponível no sítio www.unisinos.br/ihu.

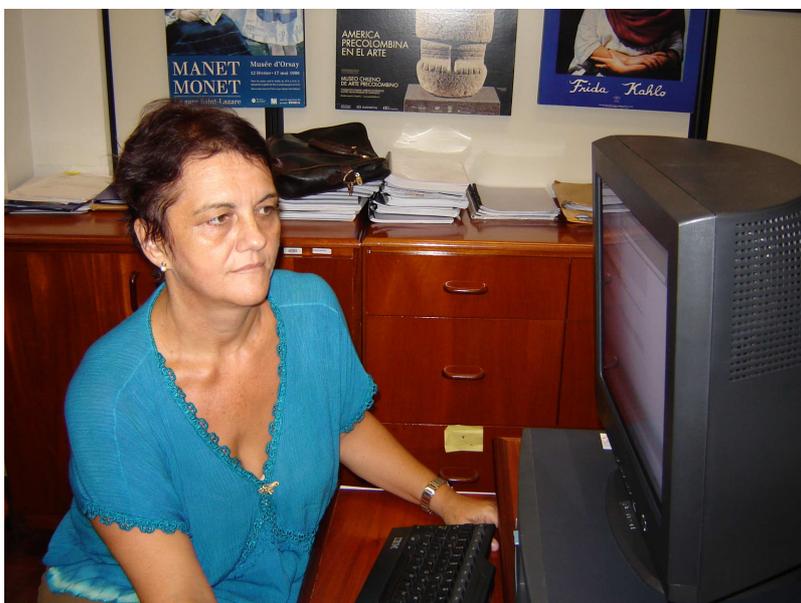
Quarta com Cultura Unisinos – IHU Debate

Sepé Tiaraju: 250 anos depois

A próxima edição do *Quarta com Cultura Unisinos – IHU Debate* está marcada para esta quarta-feira, 15 de março. O assunto é *Sepé Tiaraju: 250 anos depois*, sob a responsabilidade do Prof. MS Alcy Cheuiche, da URCAMP. A atividade inicia às 19h30min e tem entrada franca. Confira a entrevista concedida pelo pesquisador à *IHU On-Line* 170, de 6 de março de 2005 e conheça mais detalhes a respeito dessa importante figura rio-grandense. A revista *IHU On-Line* dedicou à edição 156, de 19 de setembro de 2005, a Sepé Tiaraju.

IHU Repórter

Sirlei Teresinha Gedoz



“Deixar a vida acontecer e pensar que não existe apenas uma saída. Dificilmente nos vimos diante de um único caminho”. A postura otimista e madura perante a existência vem de quem sempre lutou pelo seu espaço e ousadamente soube transpor as barreiras que poderiam separá-la de seu objetivo maior: Estudar

e crescer na profissão que escolheu. A professora doutora Sirlei Teresinha Gedoz é docente do curso de História há doze anos e recentemente assumiu a sua coordenação. Nesta entrevista, Sirlei conta-nos um pouco de sua trajetória de vida e

fica fácil perceber que estamos falando de alguém que, antes de tudo, soube perceber nos momentos mais delicados possibilidades de grandes mudanças. Disposição para enfrentá-las? Sempre!

O princípio – Sou de Carlos Barbosa, porém moro em Porto Alegre desde 1977. Nasci no meio rural e sempre tive vontade de estudar, mas as possibilidades eram poucas. Depois de muito batalhar, consegui fazer o segundo grau em Porto Alegre. Em 1983 comecei a cursar Enfermagem aqui na Unisinos. Eu já tinha um curso técnico e trabalhava na área, por isso essa foi minha primeira opção. Posteriormente me interessei por História e fiz minha graduação e mestrado aqui e o doutorado na PUC. Meus pais até hoje são agricultores numa localidade chamada Torino, distrito de Carlos Barbosa. Sempre quis sair de casa e meus projetos profissionais giravam em torno disso. Essa postura foi positiva, me tirou muitos medos. Nunca hesitei em trocar de lugar ou de trabalho. Não me amarro muito nesse sentido, esse tipo de vivência me deu esse impulso.

Família – Tenho um exemplo muito bacana de família. Meu pai, Silvio, está com 74 anos e minha mãe, Lúcia, com 71, e eles trabalham o dia todo. Fizeram 50 anos de casados e continuam fazendo planos. O pai faz projetos para daqui a 20 anos. Esses dias ele estava preocupado, pensando no que fazer quando ficar velho porque ele não gosta de jogar cartas. São coisas assim que tomo como exemplo. Somos seis irmãos. Tenho uma irmã que fez Estudos Sociais aqui, mas é advogada. E tenho outra irmã que é diretora numa escola municipal em Carlos Barbosa e faz História em Caxias. Foi cursar já depois de adulta, depois de casada, mais dois irmãos e uma irmã que tocam sua vida na agroindústria. Outro traço forte na minha formação foi valorização que meus pais sempre deram em nos imprimir princípios éticos e sérios. Algumas pessoas me acham ríspida, talvez por eu colocar as coisas de forma muito clara. Prefiro me posicionar e esclarecer de que lado eu estou, o que eu penso, e isso se deve muito a educação que tive. Hoje vivo uma união estável, que muito me recompensa afetivamente, mas não tenho filhos. Dediquei-me à carreira.

Infância – Tenho lembranças gostosas de brincadeiras com os irmãos dentro de casa, principalmente nos dias de chuva. Fazíamos um reboleiro. Sem falar nos jogos de bola e nas pernas e braços quebrados.

Trajetória profissional – Meu primeiro emprego foi como auxiliar de enfermagem no hospital Santo Antônio, em Porto Alegre, paralelamente fazia a faculdade. Quando estava quase formada comecei a lecionar na escola Concórdia, em Canoas. Posteriormente fiz concurso público e permaneci no Estado por alguns anos. Antes de terminar o mestrado, fui convidada para lecionar na Unisinos e estou aqui há 12 anos. Até o ano passado também lecionava na UNIVATES, em Lajeado. Ser professora universitária é uma das coisas que me dá grande satisfação.

Ensino universitário – Acho que o ensino universitário, de uma forma geral, deixou um pouco para trás uma característica forte que havia de dar uma boa formação específica nas áreas, mas, ao mesmo tempo, proporcionar uma sólida formação geral, principalmente nas universidades confessionais, que é o caso da Unisinos. Acho que a universidade no país está meio perdida, meio sem rumo, seja ela pública, seja privada. A mudança de valores e a

mudança no mercado de trabalho são tão grandes que parece um pouco difícil achar um caminho. É preciso ir um pouco “tateando”, pelo que percebo. Não tem nada muito definido. Acho que a universidade precisa construir um novo caminho. Falo das universidades de forma geral.

Uma grande lição – Deixar a vida acontecer e pensar que não existe apenas uma saída. Dificilmente nos vimos diante de um único caminho. Pode não enxergar, mas muitas vezes grandes revezes acabam sendo grandes oportunidades para dar uma virada, para dar uma sacudida. Nós nos habituamos muito rápido as rotinas e a elas nos subjugamos. Manter-se sempre aberto e não achar que esse, momento que se vivencia é o único e melhor lugar do mundo. Saber que nesse momento esse lugar está sendo um ótimo lugar, mas nunca achar que é a única possibilidade. Ter menos apego a coisas materiais. Isso ajudaria todo o mundo a ser mais solidário. Se eu pudesse voltar 20 anos atrás, botaria uma mochila nas costas e ia viver de forma meio aventureira durante uns dois ou três anos. Iria conhecer mais países, outras culturas. Levei a vida muito a sério, o que me deixou algumas seqüelas. Embora eu tenha tomado atitudes ousadas para o mundo onde nasci, ainda assim, ousaria um pouco mais. Tive a possibilidade de fazer o doutorado em São Paulo e fiquei com um pouco de medo. Tive a oportunidade de ir para o exterior e acabei ficando, sempre pensando em garantir o emprego.

Meta – Estou começando agora na Coordenação do curso de História e, nesse momento, minha meta primeira é desempenhar um bom trabalho e para isso é indispensável trabalhar em equipe. Pretendo ainda fazer um pós-doutorado, talvez na área de filosofia do conhecimento, em Portugal ou na Itália. Também quero viajar mais, conhecer melhor o Brasil e visitar o Oriente. Durante estas férias estive nas praias de Santa Catarina e do Paraná, o que não é o meu hábito, e vi coisinhas lindas por lá. Quero ir ao Pantanal e conhecer a Amazônia, também.

Viajem marcante – Em 1997, fui para o Marrocos, Itália e Espanha. No Marrocos, tive a impressão de me reportar às leituras bíblicas de criança. São culturas completamente distintas da nossa que, às vezes, nos chocam, outras nos encantam, mas sempre nos dão outras perspectivas de vida. A Europa, de certa forma, traz a nossa cultura. Outra viagem importante foi a que fiz à França. Foram viagens que me mostraram que a vida tem muitas coisas além do nosso dia-a-dia, do que o nosso pragmatismo. Cada vez mais, tenho a sensação de que precisamos viver mais o presente, sem nos preocuparmos tanto com o futuro e com os bens materiais. Essa foi uma herança um pouco pesada que os imigrantes trouxeram, possivelmente em função de suas condições objetivas de vida. Mas em realidades históricas diferentes pode-se buscar também alternativas mais lúdicas.

Filme – *Um sonho de liberdade*, de Frank Darabont. É uma lição de persistência e inteligência.

Livro – *Germinal*, de Émile Zola. Ao lê-lo “senti o suor e a falta de oxigênio” de seus personagens.

Autor – Gabriel Garcia Márquez. Um brilhante cientista político, um cientista social crítico e contumaz.

Unisinós – Nesses mais de doze anos que estou aqui como aluna e professora, a Unisinós passou por mudanças profundas, e as que estamos vivendo agora, sinto como a mais profunda delas. Nós não temos dados suficientes para conhecer todo o universo da instituição, mas ela optou por um corte bastante significativo com relação à sua estrutura e suas práticas anteriores. Acho que ela está se reconstruindo, está se redesenhando. Foram deixadas para trás coisas que eu considero que eram boas, mas é difícil avaliar se seria possível mantê-las.

Instituto Humanitas Unisinós – O Instituto preserva uma identidade ágil dentro da Universidade. O trabalho feito com as unidades de graduação e pós-graduação é muito interessante, essencial. **O Ciclo de Estudos sobre o Brasil** está virando uma tradição. Agora teremos uma perspectiva do Brasil através do cinema. O ano passado aconteceu um ciclo sobre a Idade Média e cinema. Essas iniciativas que mantêm um caráter de extensão, e ao mesmo tempo preservam um elo com os cursos da Universidade, são fundamentais. Aproveito muito material em minhas aulas e ainda indico leituras extraclasse.